

Córrreio

DA UNESCO

Outubro-dezembro 2019

Professores que mudam o mundo

Canadá

Uma escola de
segunda-chance

Chile

Ensino atrás das grades

China

Um professor traz
esperança a um
remoto vilarejo

Congo

Ensinar uma
turma de 76

Índia

A escola sob a ponte

Serra Leoa

Mohamed Sidibay:
a história de uma
ex-criança-soldado

ISSN 2179-8818
01906
9 772179 881070



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

Leia O
Correio da
UNESCO
e ajude a
divulgá-lo!

Assine a
versão digital



É 100%
GRATUITO!

<https://en.unesco.org/courier/subscribe>



Publicado em
10 línguas:

árabe, chinês, coreano,
espanhol, esperanto,
francês, inglês, português,
russo e siciliano.

Torne-se um parceiro editorial ativo,
propondo edições em outras línguas
de *O Correio da UNESCO*.



Leia e
compartilhe!

Compartilhe O

Correio da UNESCO em sua rede,
promovendo-o de forma alinhada
com as políticas de acesso aberto
da Organização.



Assine a versão impressa nas seis línguas
oficiais das Nações Unidas

▪ 1 ano (4 edições): €27

▪ 2 anos (8 edições): €54

Este preço cobre os custos de impressão e
distribuição. Não há propósito lucrativo.

Pacote promocional especial: 10% de desconto
para pedidos de cinco ou mais assinaturas.

A edição em português existe apenas na
versão *online*.

Para mais detalhes, entre em contato:

DL Services, C/O Michot Warehouses,
Chaussée de Mons 77,
B 1600 Sint Pieters Leeuw, Belgium
Tel: (+ 32) 477 455 329

E-mail: jean.de.lannoy@dl-servi.com

2019 • nº 4 • Publicado desde 1948

O Correio da UNESCO é publicado trimestralmente pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. A publicação promove os ideais da UNESCO por meio do compartilhamento de ideias sobre questões de interesse internacional importantes para o seu mandato.

O Correio da UNESCO é publicado graças ao generoso apoio da República Popular da China.

Diretor: Vincent Defourny

Editora-chefe em exercício: Agnès Bardón

Editora associada: Katerina Markelova

Editor de Seção: Chen Xiaorong

Edições

Árabe: Anissa Barrak

Chinês: Sun Min e *China Translation & Publishing House*

Inglês: Shiraz Sidhva

Russo: Marina Yartseva

Editora digital: Mila Ibrahimova

Fotografias e ilustrações: Danica Bijeljac

Coordenação de traduções e diagramação:

Veronika Fedorchenko

Assistente administrativa e editorial:

Carolina Rollán Ortega

Produção e promoção:

Ian Denison, chefe de publicações

e marca UNESCO

Eric Frogé, assistente sênior de produção

Produção digital:

Denis Pitzalis, arquiteto e desenvolvedor web

Relações com a mídia:

Laetitia Kaci, assessora de imprensa

Tradução:

Kelly C. de Moraes

Design:

Corinne Hayworth

Imagem da capa:

© Osama Hajjaj

Impressão:

UNESCO

Estagiários:

Gao Sijia, Ren Danni e Xu Dan (China)

Alice Christophe e Coralie Moreau (França)

Natasha D'souza (Índia)

Coedições

Coreano: Eun Young Choi

Esperanto: Trezoro Huang Yinbao

Português: Ivan Sousa Rocha

Siciliano: David Paleino

Informações e direitos de reprodução:

courier@unesco.org

7, Place de Fontenoy, 75352 Paris 07 SP, France

© UNESCO 2019 REV.1

ISSN 2179-8818



Periódico disponível em Acesso Aberto sob a licença Atribuição-Partilha 3.0 IGO (CC-BY-SA 3.0 IGO) (<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/igo/>). Ao utilizar o conteúdo desta publicação, os usuários aceitam a vinculação aos termos de uso do Repositório UNESCO de Acesso Aberto (<https://en.unesco.org/open-access/terms-use-ccbysa-en>). A presente licença se aplica exclusivamente aos textos. Para o uso de imagens, deve ser solicitada autorização prévia.

As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo desta publicação não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites.

As ideias e opiniões expressas nesta publicação são as dos autores e não refletem obrigatoriamente as da UNESCO nem comprometem a Organização.

Editorial

A seção *Grande angular* deste número marca o Dia Mundial dos Professores, celebrado todos os anos em 5 de outubro.

Uma “profissão impossível”. Para Sigmund Freud, a educação, como o governo e a psicanálise, representava um compromisso “no qual se pode ter certeza, antecipadamente, de alcançar resultados insatisfatórios”¹. Não é uma tarefa fácil, simultaneamente, transmitir conhecimento, manter a disciplina na sala de aula, estimular a curiosidade, ensinar as regras de convivência e formar futuros cidadãos.

O desafio é ainda mais difícil de se enfrentar em contextos marcados – com muita frequência – pela falta de recursos, por salas de aula superlotadas, ou até mesmo pelo risco de que o propósito original do professor perca seu significado.

Certamente, todos reconhecem o papel fundamental que os professores desempenham. No âmbito pessoal, todos podemos mencionar ao menos um professor que fez a diferença – às vezes, a tal ponto que isso redirecionou toda a nossa vida. No âmbito internacional, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (ODS), em especial o Objetivo 4, reconhecem a importância dos professores na implementação da Agenda de Desenvolvimento Sustentável até 2030.

No entanto, a profissão docente está sendo prejudicada. O desenvolvimento da neurociência cognitiva e os muitos usos de novas tecnologias no campo da educação estão forçando a profissão a se adaptar e se reinventar.

Outrora respeitado e valorizado, o papel do professor agora é contestado, com os docentes sendo responsabilizados pelas falhas do sistema educacional. Essa percepção negativa em relação a eles

pode – em alguns casos – resultar em intimidação, ou até mesmo violência, por parte dos estudantes ou de suas famílias.

Na verdade, a profissão está lutando para atrair novos adeptos. Após alguns anos de trabalho, muitos professores estão desistindo. Um estudo de 2014, conduzido nos Estados Unidos com uma amostragem de 50 mil professores², mostra que mais de 41% deles (níveis de ensino primário e secundário combinados) deixam a profissão no período de cinco anos após ingressar nela.

Salários baixos, progressão na carreira limitada, fortes pressões da sociedade e falta de recursos – todos são fatores que desencorajam os jovens a seguir essa carreira.

Contudo, mais de 69 milhões de professores deverão ser formados até 2030 para

alcançar os ODS. Destes, 48,6 milhões de novos profissionais serão necessários para substituir os professores que abandonam a profissão. Já existe uma escassez aguda de professores no Sul e no Oeste da Ásia, assim como na África Subsaariana.

Nesse contexto, como podemos atrair uma nova geração de professores motivados? Essa pergunta inspirou o tema da edição de 2019 do Dia Mundial dos Professores, 5 de outubro: *Jovens professores: o futuro da profissão*.

No entanto, além dos números alarmantes, das estatísticas e das manchetes, ainda existem professores que não são desestimulados por essa difícil situação. Professores que continuam a ensinar nos ambientes mais pobres, em salas de aula superlotadas. Professores que escolhem focar estudantes com antecedentes problemáticos, aqueles que estão fora do sistema escolar ou em áreas remotas. Professores para quem ensinar é um compromisso, uma luta diária. São esses professores que *O Correio* está homenageando hoje.

Vincent Defourny e Agnès Bardon

Sandrine ensina em uma escola em Burkina Faso que não tem água nem eletricidade. Uma imagem da gravação do documentário, Profs de l'impossible, produzido pela empresa francesa de produção cinematográfica Winds em parceria com a UNESCO.



© Winds/Émilie Théron

1. Freud, S. *Analysis Terminable and Interminable*, 1937.

2. Ingersoll, R.; Merrill, E.; Stuckey, D.; Collins G. *Seven Trends: The Transformation of the Teaching Force*. Updated ed. Consortium for Policy Research in Education (CPRE) Research Reports, Oct. 2018.

Sumário

GRANDE ANGULAR

- 7** **Uma escola de segunda-chance em Montreal**
Lyne Fréchet
- 10** **A escola embaixo de uma ponte em Nova Deli**
Sébastien Farcis
- 12** **Mohamed Sidibay: o papel dos professores é restaurar nossa confiança**
Entrevista por Agnès Bardon
- 14** **Congo: uma turma de 76 estudantes**
Laudes Martial Mbon
- 15** **Professores do impossível: das salas de aula à tela grande**
- 16** **Ensino atrás das grades em Valparaíso**
Carolina Jerez Henríquez
- 18** **Um professor traz esperança a um remoto vilarejo chinês**
Wang Shuo



6-19



20-27

ZOOM

Tesouro de arquivo: o álbum inédito de David Seymour

A história da descoberta de um álbum esquecido do cofundador da agência Magnum nos arquivos da UNESCO

Fotos: David Seymour/Magnum Photos
Texto: Giovanna Hendel, UNESCO



28-33

IDEIAS

29

Lições de arquitetura para o futuro, por meio do passado
Amin Al-Habaibeh



34-37

NOSSA CONVIDADA

Nelly Minyersky: a rainha verde
Entrevista por Lucía Iglesias Kuntz



ASSUNTOS ATUAIS

39

Uma ponte suspensa Inca é restaurada no Peru
Jordi Busqué

42

Dos porões do Clotilda até Africatown
Sylviane A. Diouf

38-45





Grande angular

Professores que mudam o mundo

Kénia Alvarado-Lara, uma professora no Centre d'intégration scolaire, em Montreal, conforta um estudante durante uma prova. Muitas das crianças aqui sofrem de problemas psicológicos e comportamentais, e são incapazes de estudar em escolas normais.

© Robert Etcheverry

Uma escola de segunda-chance em Montreal

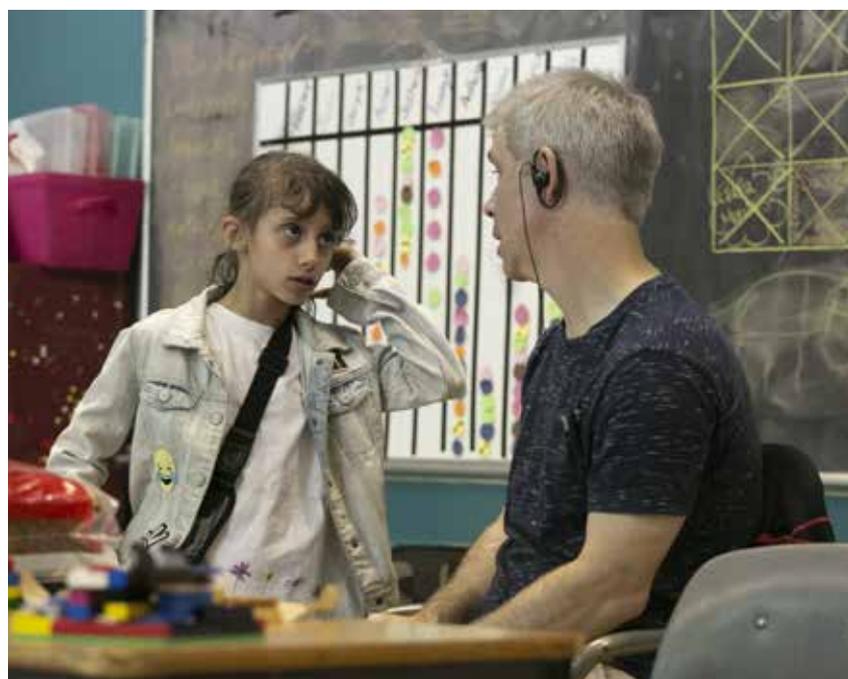
Lyne Fréchet, jornalista canadense

Obter sucesso onde as escolas tradicionais falharam. Esse é o desafio que os professores do Centro para Integração Acadêmica (*Centre d'intégration scolaire – CIS*) em Montreal, no Canadá, enfrentam todos os dias. A escola de língua francesa recebe estudantes cujos caminhos educacionais têm sido difíceis – conquistar sua confiança é um pré-requisito para qualquer aprendizagem.

Com suas paredes de tijolos, desenhos pendurados nas paredes e armários desgastados, o CIS se parece com outra escola qualquer. As salas de aula se abrem em fileiras de mesas, alinhadas e voltadas para um quadro-negro. E, a partir das 8 da manhã, os estudantes invadem ruidosamente a ampla escadaria que leva aos andares superiores. Contudo, a comparação termina aí.

Isso ocorre porque a escola, localizada no distrito de Rosemont, recebe estudantes vulneráveis – com dificuldades de aprendizagem ou problemas psicológicos – há quase 50 anos. Muitos deles têm antecedentes caóticos e complicadas histórias familiares, e alguns tiveram até problemas com a lei. Com idades entre 6 e 18 anos, muitos estudantes também tiveram um passado difícil nas escolas em que estudaram. Eles sofreram insucessos escolares, expulsões sucessivas ou foram relegados ao fundo das salas de aula em programas especiais para estudantes difíceis. O CIS é um novo começo para eles – em uma fundação completamente diferente.

No final de junho, uma semana antes das férias de verão, a atmosfera está carregada. Os estudantes do 6º ano estão se preparando para fazer o exame de “universo social”, uma disciplina ensinada nos ensinos primário e secundário que abrange a história social e política da província de Quebec. As crianças ficam inquietas em seus lugares. Kénia, sua jovem professora, informa que as questões se concentrarão nos anos 20 [os chamados *Roaring Twenties*, a década de 1920 na cultura ocidental] e na explosão demográfica [um período marcado por



© Robert Etchevery

um significativo aumento na taxa de natalidade, também chamado de *baby boom*, expressão cunhada em referência ao que ocorreu nos Estados Unidos e em outras partes do mundo depois da Segunda Guerra Mundial).

São então escutados barulhos abafados na sala de aula ao lado. Alguns funcionários – todos conectados por meio de *walkie-talkies* – dirigem-se à sala de aula, prontos para intervir. Lá dentro, os professores já conseguiram acalmar o garoto que estava batendo em uma parede. Ele está deitado em um pequeno colchão em um espaço distante dos outros, e dois dos interventores permanecem com ele para acalmá-lo.

Educador do Centre d'intégration scolaire há 28 anos, Luc Fugère dá instruções a Flora. É fundamental ouvir e ter empatia para a construção da confiança com os estudantes.

Jogados de uma escola para outra

Esses surtos não são incomuns, especialmente no final do ano. “Muitos desses jovens sofrem de transtornos de apego”, diz a diretora, Ysabelle Chouinard, que leciona na escola há 17 anos. “Quando chegam as férias, os estudantes ficam ansiosos. Eles não sabem o que esperar e têm medo de se separar de seus professores”. Existe uma imensa



Fazendo uma pausa com a educadora Mélanie Bélanger. Em cada sala de aula, um especialista está presente para ajudar o professor a administrar as emoções dos estudantes.

necessidade de afeto em alguns desses jovens, que foram jogados de uma escola para outra e de uma família para outra.

Os professores têm que lidar com mudanças repentinas de comportamento, angústia emocional e violência, o que às vezes requer intervenção policial. Se a escola é um pouco grande demais para os 84 estudantes que recebe, é porque o comportamento imprevisível, os gritos e as brigas não permitem que a escola compartilhe suas instalações com outros estudantes.

Trabalhar no CIS requer uma constituição sólida. Além da diretora, assistentes sociais, uma dúzia de professores e educadores especializados são responsáveis por esta escola única em Quebec. Muitos professores ou aprendizes, que vêm com a ideia de ajudar os jovens a resolver seus problemas, vão embora depois de alguns meses, desmoteados.

A própria Kénia admite ter lembranças dolorosas do seu primeiro ano na escola. “Minha turma era composta por 16 estudantes do secundário I [7º ano em Quebec], que eram casos muito difíceis.

Em uma escola tradicional, essa já é uma idade difícil. Mas, com eles, também tive que enfrentar insultos, violência física e brigas. Chorei muito e me sentia pessoalmente atingida pelos insultos. Eu não conseguia dormir”.

Com o passar do tempo, Kénia encontrou formas de responder a esses estudantes difíceis. “As relações que consegui desenvolver com esses jovens permitiram que eu superasse todos os desafios”, continua ela. “Desenvolvemos um respeito mútuo ao longo do tempo. O outro fator crucial foi que minha diretora confiou em mim. Quando eu não aguentava mais, ela me incentivava a tirar um dia de folga. É importante cuidar de si mesmo”.

Roxanne, que leciona no CIS há 10 anos, também aprendeu a lidar com fortes emoções. Ela ama seu trabalho, e os estudantes a amam. Ela duvidou disso apenas uma vez – no dia em que teve suas costelas quebradas em uma briga. “No nível escolar secundário, tive estudantes que viveram em situação de rua, eram dependentes de drogas e tinham transtornos psiquiátricos. A única maneira de intervir é construir uma relação de confiança. É preciso ser

honesto e se comprometer de forma sincera com eles”, diz ela.

Honestidade. Confiança. Respeito. Empatia. Essas palavras são repetidas com frequência pelos professores e educadores no CIS. Sem essas relações pacientemente construídas com os estudantes, nada é possível.

“Não se pode abordar um estudante com transtorno desafiador opositivo (TDO) da mesma forma que se faria com um estudante com transtorno de apego. Porém, em qualquer caso, é preciso ser tranquilizador. Se um estudante me insulta, tenho que superar isso. Há dias em que uma criança é incapaz de verbalizar o que sente. Preciso então passar algum tempo com ela. Um jovem que cospe ou morde é uma criança que está tentando me dizer algo”, explica Luc, um educador especializado. Ele trabalha na escola há 28 anos, e seu papel é ajudar os jovens a administrar suas emoções.

Todos os professores do CIS concluíram quatro anos de treinamento universitário em educação especial – uma área de estudo específica que os prepara para ensinar crianças com necessidades especiais.

Reacender o desejo de aprender

Os professores foram treinados para identificar certos transtornos, respeitar o ritmo de aprendizagem de uma criança disléxica e a gerir uma sala de aula. No entanto, nem tudo pode ser aprendido na universidade. Para restaurar o desejo de aprender nesses jovens, que têm uma relação conturbada com a escola, também é necessário demonstrar iniciativa e criatividade.

“Quando cheguei”, diz Kénia, “eu tinha apenas um quadro-negro, giz e livros. O que poderia fazer com isso? Eu estava convencida de que não poderia trabalhar aqui como o faria em uma escola comum”. Então, ela pegou emprestado um projetor com seu irmão e pediu um *laptop* à diretora. Ela preparou aulas interativas, adicionando vídeos e fotos, e conseguiu capturar a atenção de seus estudantes. “Não foi mais necessário administrar a classe. Eu incorporei esse método a cada disciplina e dei lápis aos estudantes para que fizessem anotações. Funcionou!”, diz, entusiasmada.

Emma, uma professora do 3º ano, está concluindo sua graduação em educação especial. Ela tem lecionado no CIS há apenas alguns meses. Para incentivar a aprendizagem, ela aproveita todas as oportunidades para pensar “fora da caixa” – utilizando jogos educativos. Para estimular o gosto pela matemática, ela organiza vendas de bolo e limonada fora da escola para familiarizar os estudantes com as frações.

A terapia com animais de estimação, desenvolvida com a ajuda de especialistas, também faz parte do arsenal terapêutico do CIS. Vários animais foram introduzidos nas salas de aula – porquinhos-da-índia para as crianças mais novas, um trio de ratos no 1º ano do ensino primário, e furões e coelhos no 1º ano do ensino secundário. Os dias de terapia com animais também são realizados com especialistas, para ajudar alguns estudantes a se comunicar. Algumas crianças tímidas aprendem a se tornar mais assertivas quando um cão obedece a suas ordens, por exemplo.

Esses esforços estão valendo a pena. Andrew, 15 anos, que foi dispensado no final do ensino primário, participou de várias sessões de controle da raiva até se sentir melhor. “Sou impulsivo e, quando fico nervoso, ataco. Aqui, me ajudaram a encontrar formas para mudar”, diz ele.

Seu testemunho é repetido na fala de Joé, 12 anos. “Eu tenho um problema comportamental. Na minha antiga escola, eu costumava brigar o tempo todo. Aqui,

“A única maneira de intervir é construir uma relação de confiança. É preciso ser honesto e se comprometer de forma sincera com eles.”

há pessoas para nos supervisionar quando ocorrem brigas”.

Esse trabalho meticuloso com os estudantes, para que possam se expressar e canalizar sua agressividade, torna a aprendizagem possível.

“A princípio, senti que estava lecionando em vão”, explica Kénia. “Eu achava que eles tinham problemas comportamentais demais para conseguirem progredir no âmbito acadêmico. Mas, na verdade, eles avançaram muito no desenvolvimento

de suas habilidades. Existem muitas maneiras de ensinar de forma diferente”.

“Quanto mais jovens forem os estudantes ao chegar, mais bem-sucedidos eles serão no retorno às escolas tradicionais”, diz Chouinard. A diretora menciona casos de estudantes que floresceram após deixarem o CIS – como Stéphanie, que obteve um mestrado em comunicação, ou outro estudante que ingressou em um time de basquete nos Estados Unidos. “Nós não visamos, necessariamente, estudos universitários para todos”, enfatiza ela. “O importante é que os estudantes encontrem satisfação. Conduzi-los até a vida adulta já significa muito”.

A assistente social Pascale Montcalm (à esquerda) e a professora Emma Chouinard-Cintrao trabalham para acalmar um estudante, usando muita sensibilidade.



© Robert Etchevery



A escola embaixo de uma ponte em Nova Deli

Sébastien Farcis, correspondente francês estabelecido em Nova Deli

Há nove anos, Rajesh Kumar Sharma dirige uma escola improvisada entre dois pilares do metrô elevado que atravessa a capital da Índia. Mais de 200 crianças pobres das favelas próximas frequentam essa sala de aula ao ar livre todos os dias.

Esta escola não aparece em nenhum mapa. Não tem paredes inteiras ou um teto completo, muito menos mesas ou cadeiras. Como as pequenas lojas de rua que mantêm viva a capital indiana, a “Escola livre embaixo da ponte” simplesmente se fundiu ao extenso espaço urbano de Nova Deli. Ela fica entre os enormes pilares de números 5 e 6 do metrô elevado dessa megalópole de mais de 20 milhões de habitantes. E, nos últimos nove anos, a escola tem oferecido educação gratuita a centenas de crianças pobres das favelas vizinhas às margens do Rio Yamuna – uma terra de ninguém localizada no coração de uma cidade que é próspera em certos bolsões, mas gravemente superpovoada.

O distrito é de um cinza concreto, o céu baixo e pesado nesta estação das monções. Mas a escola de rua é cheia de vida e cor. As três paredes que compõem seu espaço são pintadas de azul celeste, com uma floresta de árvores altas e rosas gigantes em volta dos cinco quadros-negros pendurados na parede dos fundos. Assim que o avistam, os estudantes correm de todos os lugares até o professor, gritando “Namastê, professor!” O homem a quem as crianças têm tanta estima é Rajesh Kumar Sharma, 49 anos, fundador da “Escola livre embaixo da ponte”. Ele considera ser sua missão ajudar a quebrar o ciclo da pobreza, por meio da melhora da educação dos mais pobres.

Reivindicação pessoal

Sua batalha é também uma reivindicação pessoal. Sharma, que vem de uma família pobre de nove crianças no estado rural de Uttar Pradesh, no norte do país, sempre quis estudar, mas não pôde terminar a universidade porque não tinha recursos. “A escola ficava a 7 quilômetros da minha casa”, diz ele. “Eu levava mais de uma hora para chegar lá de bicicleta. Quanto eu estava no ensino médio, sempre perdia a aula de química, que era no primeiro horário. Como resultado disso, não obtive boas notas nessa disciplina e não pude estudar engenharia, que era o meu sonho”.

Sharma ainda conseguiu obter o diploma do ensino médio, um feito que nenhum de seus oito irmãos e irmãs mais velhos jamais alcançou. Ele se matriculou na universidade, vendendo seus livros didáticos para pagar as taxas de inscrição. Para chegar até lá, ele tinha que viajar mais de 40 quilômetros de bicicleta e ônibus. Contudo, um ano depois, os anciões de sua família cortaram os fundos para sua educação. Seu sonho foi interrompido.

A próxima fase da vida de Sharma foi desafiadora. Quando tinha cerca de 20 anos, ele se mudou para Nova Deli com seu irmão. “Vendi melancias, trabalhei em canteiros de obras, fiz tudo o que pude para ganhar algumas rúpias”, lembra ele. Um dia, no canteiro de obras do metrô, ele ficou chocado ao ver os filhos dos trabalhadores, a maioria fora da escola, perambulando pelo entulho. A princípio, ele lhes ofereceu doces e roupas, e então considerou oferecer uma ajuda mais sustentável. Assim, em 2006, debaixo de uma árvore, ele começou a ajudar duas crianças com sua lição de casa. Uma dessas crianças, agora com 18 anos, acabou de ingressar na universidade e quer se tornar engenheiro.

Quatro anos depois, em 2010, ele montou sua escola improvisada embaixo da recém-construída ponte aérea, onde agora recebe mais de 200 crianças por dia – em níveis que variam do 1º ano do ensino primário ao 3º ano do secundário. Os estudantes são divididos em dois grupos – os meninos pela manhã, e as

meninas à tarde, por quase duas horas cada. A maioria deles também frequenta a escola local, e procuram Sharma para ter apoio pedagógico. “Temos 63 estudantes na minha turma”, diz Mamta, 13 anos, que cursa o 3º ano do ensino médio. “Às vezes não conseguimos entender tudo, então pedimos ajuda ao sr. Rajesh”.

Uma estudante da escola primária assiste a uma aula de hindi na escola improvisada sob uma ponte em Nova Deli. O criador da escola, Rajesh Kumar Sharma, pode ser visto em segundo plano, ensinando outros estudantes.



Aulas ao ar livre

Existem muitas outras crianças que não frequentam a escola porque seus pais – migrantes ou trabalhadores informais – não têm documentos. Sharma os ajuda a obter os documentos para que possam matricular seus filhos na escola. Ele faz isso de graça, contando com a escassa renda da mercearia de sua família e com doações ocasionais. Até o momento, ele se recusa a criar uma organização não governamental (ONG). “É uma maneira de evitar a papelada, mas também porque tenho medo de que, com uma estrutura formal, as autoridades do metrô temam que nos instalem de vez e, assim, nos retirem de sua propriedade”, explica ele. Contudo, na ausência de uma organização legal, as doações são recebidas em seu nome pessoal, o que recentemente o expôs a críticas. “Eu faço o melhor que posso, mas não posso fornecer uma nota fiscal quando uso o dinheiro doado para alimentar as crianças”, diz ele. Para afastar essas dúvidas, ele deixou de aceitar dinheiro e só recebe doações de roupas, alimentos e livros.

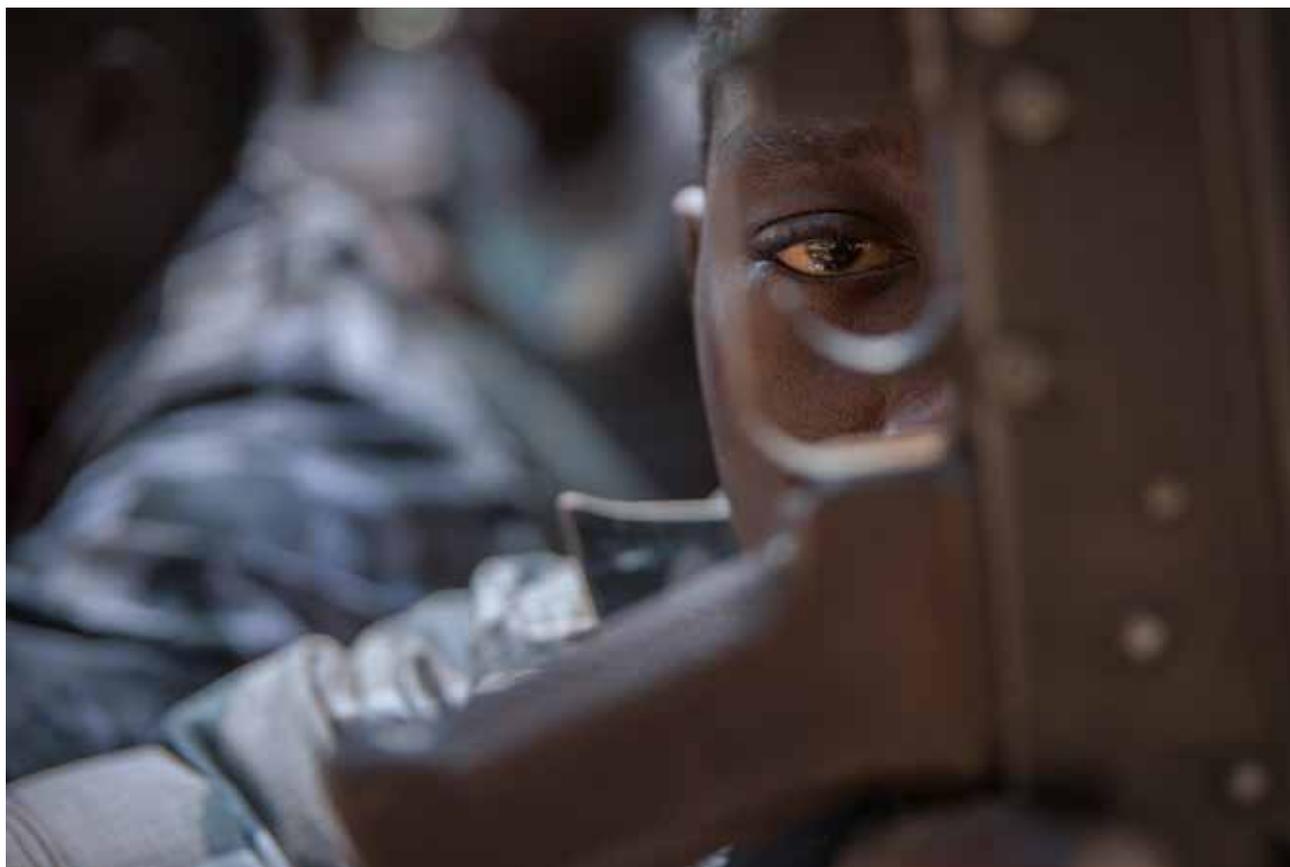
“Sharma considera ser sua missão ajudar a quebrar o ciclo da pobreza, por meio da melhora da educação dos mais pobres.”

Nesta tarde quente de julho, a sala de aula ao ar livre está um pouco desorganizada. Os 105 estudantes estão divididos em grupos de diferentes níveis. Três professores, todos voluntários, ajudam Sharma e precisam gritar enquanto apontam para as letras no quadro, para encobrir o barulho que vem do metrô acima. Um professor faz o possível para prender a atenção dos estudantes menores. Enquanto isso, Sharma está ocupado interpretando um texto em hindi para um grupo de cinco meninas muito

atentas. “Nós usamos o livro didático nacional e fazemos tudo o que podemos, com os poucos recursos que temos, para ajudá-los a progredir”, explica esse professor improvisado. “Antigamente, as aulas eram realizadas ao ar livre, então, eu não acho essencial ter salas de aula fechadas para ensinar de forma adequada. Na Índia, diz-se que os lótus mais bonitos nascem nos pântanos”.



Mohamed Sidibay: o papel dos professores é restaurar nossa confiança



© Stefanie Gilinski/AFP

Entrevista por Agnès Bardon

Órfão aos 5 anos de idade, Mohamed Sidibay tornou-se uma criança-soldado durante a guerra civil em Serra Leoa e deve sua sobrevivência à escola. Um incansável defensor da educação, especialmente por meio da Parceria Global pela Educação, ele conta a história de sua dívida a uma professora que soube como se comunicar com ele.

O senhor foi recrutado como criança-soldado em uma idade precoce. Como conseguiu ir à escola?

Foi em 2002, um ano antes do fim da guerra em Serra Leoa. Eu fiz parte de um programa pelo Desarmamento, Desmobilização e Reintegração (DDR) de crianças-soldados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Eu tinha quase 10 anos na época, e nunca tinha ido à escola. Tudo o que eu sabia era como carregar uma AK-47. Contudo, o UNICEF garantiu que eu recebesse educação fornecendo à minha escola primária livros, lápis e equipamentos. Sem essa ajuda, a história da minha vida seria, sem dúvida, muito diferente do que é hoje. Ir à escola despertou minha curiosidade para aprender, e é essa curiosidade que continua sendo a minha força motriz atualmente.

Uma cerimônia para libertar crianças-soldados em Yambio, Sudão do Sul, em fevereiro de 2018. Estima-se que mais de 250 mil crianças em todo o mundo ainda estejam, direta ou indiretamente, envolvidas em conflitos armados.

Depois do que o senhor passou, como foram seus primeiros dias na escola?

Na primeira vez em que me sentei na sala de aula, eu me senti perdido. Eu estava chateado. Me sentia deslocado. Mas, acima de tudo, me sentia sozinho. Aos 10 anos, a maioria das crianças que estavam lá sabiam escrever seus nomes, ler, escrever e contar. Eu não sabia fazer nada disso. Eu tinha vergonha e não me sentia bem-vindo entre eles. No entanto, eu fiquei, não porque tinha consciência sobre a importância da educação, mas porque a escola, apesar de tudo, era o lugar mais seguro para mim.

Qual era a relação do senhor com os professores?

Tendo crescido durante a guerra, eu não confiava nos adultos. Quando tive contato com eles, meu único objetivo era me fazer muito pequeno para não atrair sua atenção. Ser invisível era a única maneira de sobreviver a uma guerra civil. No início, minhas relações com a maioria dos meus professores não eram boas. A raiva deles por perder tudo durante a guerra, a minha frustração com o que eu havia perdido e o meu medo dos adultos dificultavam as relações. Fiquei muito tentado a desistir de tudo.

O senhor se lembra de algum professor em particular?

Quando você é apenas um entre 80 estudantes de uma escola pública em uma favela, é apenas mais um rosto entre outros. Mas uma professora deixou uma impressão duradoura em mim. Ela era especial por vários motivos. Como uma criança carente, eu não tinha nada para comer na hora do almoço. Então, de vez em quando, ela dividia sua refeição comigo. Nas aulas, ela não me fazia ir até o quadro-negro porque sabia que, como eu não sabia ler, os outros estudantes iriam rir de mim.

Ela teve então a boa ideia de me fazer sentar ao lado da menina mais inteligente da minha turma, que se tornou minha tutora. E, muito embora a professora soubesse como era a minha vida fora da

sala de aula, ela sempre me perguntava sobre o meu dia. Quando percebeu que eu não gostava da escola, ela teve a inteligência de não me forçar. Na verdade, ela fez o que pôde para me fazer sentir seguro. Ela sabia que, se me sentisse bem, eu continuaria indo à escola. E ela estava certa. É por esse tipo de atitude que se reconhece um bom professor.

Na sua opinião, como os professores devem abordar as crianças que sofrem de traumas?

Sempre há um momento em que as guerras terminam. Contudo, as cicatrizes que elas deixam na vida dos homens e das mulheres duram por toda a vida. Os professores são os arquitetos da reconstrução da sociedade. Seu trabalho não é apenas transmitir conhecimento, mas também garantir que as crianças se sintam seguras. Eles devem entender que crianças como eu vêm de um mundo em que os adultos não apenas fracassaram em protegê-las, mas também roubaram sua infância e sua inocência. A primeira coisa que vemos quando entramos em uma sala de aula não são professores, mas adultos, prontos para nos explorar mais uma vez. O papel dos professores é, portanto, restaurar a nossa confiança. A princípio, não vamos à escola com o desejo de aprender, com a ideia de crescer e nos tornar cidadãos melhores. Algumas vezes, tudo o que eu precisava era de alguém que sentasse ao meu lado.

Como podemos ajudar os professores a enfrentar esse desafio?

São necessários recursos. Os professores que trabalham em zonas de guerra ou em regiões em situação de pós-conflito geralmente carecem de treinamento adequado. Na verdade, o trabalho deles está menos relacionado a transmitir conhecimento e mais a manter os estudantes até o final do ano. Se não conseguem inspirar seus estudantes, não é porque lhes falta imaginação, mas porque a manutenção da disciplina se torna mais importante. É por isso que os professores devem receber os meios, especialmente por meio de treinamento apropriado, para que sejam capazes de desempenhar plenamente seu papel com as crianças que sofreram.



Imagem do curta-metragem Mohamed Sidibay: Teaching Peace (*Ensinando a paz*), dirigido pelo MY HERO Project, uma organização educacional sem fins lucrativos com sede nos Estados Unidos.

© permission provided by The MY HERO Project (myhero.com)

Melhor formação para professores que cuidam de crianças traumatizadas

Muitas crianças migrantes e refugiadas em idade escolar sofreram experiências traumáticas. Tais experiências podem ter ocorrido antes de deixarem suas casas, durante sua jornada ou após chegarem à comunidade ou ao país em que encontram refúgio. Ensinar essas crianças vulneráveis requer treinamento apropriado, que os professores geralmente não têm.

Essa é a conclusão de um documento programático, *Education as healing: Addressing the trauma of displacement through social and emotional learning*, divulgado pelo Relatório de Monitoramento Global da Educação (GEM) da UNESCO, em junho de 2019. Essa publicação enfatiza a necessidade de haver melhor treinamento para os professores, visando a fornecer apoio psicossocial às crianças necessitadas.

Na Alemanha, 20% das crianças refugiadas sofrem de transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). Os menores desacompanhados são particularmente vulneráveis. Quase um terço das 160 crianças desacompanhadas do Afeganistão, da Irã e da Somália que buscam asilo na Noruega sofreram de TEPT. Em outro estudo com 166 crianças e adolescentes refugiados desacompanhados na Bélgica, de 37% a 47% apresentaram sintomas “graves ou muito graves” de ansiedade, depressão e estresse pós-traumático.

Também são altas as taxas de transtornos psicológicos após traumas em refugiados em países de baixa e média renda. Por exemplo, 75% das 331 crianças deslocadas em acampamentos no estado de Darfur do Sul, no Sudão, tiveram TEPT, e 38% apresentaram sinais de depressão.

Na ausência de centros de saúde, as escolas frequentemente desempenham um papel fundamental na determinação de um senso de estabilidade – desde que os professores compreendam os sintomas dos traumas para apoiar os estudantes de forma mais efetiva. Contudo, na Alemanha, a maioria dos professores e educadores diz não se sentir suficientemente preparada para atender às necessidades das crianças refugiadas. Nos Países Baixos, 20% dos professores com mais de 18 anos de experiência relatam ter grandes dificuldades em interagir com estudantes traumatizados.

Uma revisão das instalações de educação e acolhimento da primeira infância para crianças refugiadas na Europa e na América do Norte revelou que, embora muitos programas tenham reconhecido a importância da prestação de cuidados, o treinamento e os recursos necessários estão “quase universalmente em falta”.

Congo: uma turma de 76 estudantes

Laudes Martial Mbon,
jornalista congolês

Todos os dias, Saturnin Serge Ngoma, um professor da escola primária *La Poudrière*, em Brazzaville, no Congo, dá aulas de geometria e gramática para uma turma superlotada. Ensinar em uma escola em que falta de tudo é uma luta constante.

No pátio empoeirado da escola primária *La Poudrière*, os gritos das crianças foram silenciados desde o início de junho, com o início das férias. Somente o barulho dos motores dos aviões no Aeroporto Maya-Maya de Brazzaville – cuja pista é separada da escola por uma simples estrada pavimentada e algumas casas – às vezes interrompe a tranquilidade dessa quente tarde de verão.

Apenas algumas semanas atrás, 76 estudantes – 27 meninos e 49 meninas – se aglomeravam todas as manhãs, às 7 horas, na turma do 1º ano do ensino fundamental (CM1) – o penúltimo nível do ciclo primário – ensinada por Saturnin Serge Ngoma. “Se eu acrescentar os seis filhos que tenho em casa, cuidei de 82 crianças este ano. Exaustivo!”, sorri esse gigante de quase 1,80 metro de altura, sentado aos pés de uma mangueira.

A escola primária – nomeada em homenagem a este bairro onde havia um armazém de pólvora antes da independência – foi o primeiro emprego de Ngoma depois de ter sido recrutado pelo Estado em 2017. “Pode-se dizer que eu era mimado”, diz ele, apontando para as instalações da escola – dois barracos improvisados que abrigam seis salas de aula, cercadas por grama alta e hortas.

Em dias chuvosos, o pátio de barro se transforma em um lama pegajosa. A escola não é cercada. Ao longo do ano, os professores dão suas aulas com as portas abertas, sob os olhares dos transeuntes que atravessam o pátio para ir de uma parte do bairro para outra.



© Laudes Martial Mbon

O professor Saturnin Serge Ngoma nos barracões improvisados da escola La Poudrière, em Brazzaville.

O reino da improvisação

Falta de tudo nesta escola, que não tem cercas nem latrinas. Antes que mais mesas fossem encontradas no início do ano letivo, os estudantes de Ngoma eram agrupados, quatro por mesa. Os outros se sentavam no chão. Diante de tanta

Professores do impossível: das salas de aula à tela grande

privação, a ordem do dia era improvisar. “Os estudantes recolhiam pequenas tábuas aqui e ali, sobre as quais se acomodavam. Realmente não era uma situação fácil”, suspira o professor.

As crianças também tiveram que compartilhar os poucos livros didáticos disponíveis na escola, reunindo-se em grupos de três ou quatro para fazer exercícios ou durante a hora da leitura. A situação é ainda mais grave porque muitos estudantes enfrentam dificuldades de aprendizado. Aprender francês é particularmente difícil para eles. “Tenho que prestar muita atenção durante os exercícios de leitura, porque alguns estudantes não têm um bom domínio da língua e, assim, recitam algo diferente do texto – eles inventam”.

Também não é fácil impor disciplina em um grupo tão grande de estudantes. Ngoma tem seus próprios métodos especiais para evitar ficar sobrecarregado. O primeiro é enviar seus estudantes mais inquietos para o quadro-negro. “Eles temem não saber como fazer um exercício na frente dos outros e, por isso, certificam-se de não entrar nessa situação. Se eles não se comportam, eu também lhes dou punições – verbos para conjugar e, nos casos mais extremos, faço com que saiam da sala para limpar o pátio”.

Apesar dessas condições precárias, 62 estudantes da turma de Ngoma progrediram com sucesso para o próximo nível no final do ano letivo. Ele se orgulha do fato de um de seus estudantes ter ficado à frente de toda a escola, com uma média geral de 12,5.

Graduado e com um mestrado em economia do desenvolvimento sustentável, este professor de 40 anos de idade começou a lecionar tardiamente – depois de trabalhar como segurança e ministrar cursos em instituições privadas. Contudo, apesar de sua exigente rotina diária e do salário insignificante, ele não tem intenção de mudar de profissão.

Em setembro, ele tomará a mesma estrada que percorre por meia hora todos os dias para ir de seu distrito de *La Frontière* até *La Poudrière*. “O sr. Ngoma sempre nos diz que não conhece muitas pessoas que tiveram sucesso sem ter ido à escola”, resume Guelor, um de seus ex-estudantes.

“Devolver aos professores seu *status* de grandes heróis da vida, porque eles mudam o destino das crianças e o futuro do mundo”. Esse é o ambicioso objetivo do *Profs de l'impossible* (Professores do impossível, título provisório), um documentário de longa-metragem que está sendo produzido atualmente pela Winds, uma produtora francesa de filmes. A ideia, inspirada pela UNESCO – que é parceira no filme – é apresentar vários retratos de professores em todo o mundo que vão além das exigências de seu trabalho, e para mostrar a natureza universal do seu compromisso.

Sandrine, em Burkina Faso, Talisma, em Bangladesh, e Svetlana, na Sibéria (Rússia), são heroínas à sua própria maneira. As três professoras apresentadas no filme, cuja vocação faz parte de quem elas são, superam muitos obstáculos para realizar suas tarefas. Aqueles incluem infraestrutura precária, isolamento geográfico, condições climáticas extremas, interrupções no ensino, problemas culturais e nomadismo. Resilientes e prontas para fazer sacrifícios, essas mulheres, como milhões de outros professores em todo o mundo, vivem todos os dias como uma aventura – principalmente educacional, mas também humana e física.

Svetlana, por exemplo, tomou a difícil escolha de se afastar de seus filhos para

ensinar nos acampamentos de pastores de renas Evenque, um povo indígena do leste da Sibéria. Sua escola nômade é montada em um trem, e é a única desse tipo no mundo. Acompanhada por seu marido, também um pastor de renas, ela segue os nômades da taiga siberiana para proporcionar educação aos seus filhos, aonde quer que possam ir.

Barthélémy Fougea, o produtor do filme, ainda se surpreende com o quão isolada é a região. “Em meus 30 anos de carreira, nunca tive viagens de produção tão longas”, diz ele. A equipe de filmagem levou sete dias apenas para chegar ao local, primeiro de avião, depois de trem e caminhão e, por fim, de motos para neve. Outro desafio está por trás do compromisso de Svetlana – ela espera que as crianças nômades sejam capazes de ser russas e Evenques ao menos tempo. Esse é também um desafio pessoal – a professora, nascida na era soviética, é, ela mesma, Evenque, e foi enviada para um internato, o que a distanciou das tradições de seu povo.

Dirigido pela cineasta e diretora de fotografia francesa Émilie Théron, este longa-metragem está em pós-produção e será lançado em 2020. Ele faz parte de um projeto transmídia internacional que inclui uma série de televisão, livros, livros infantis e uma exposição, entre outras iniciativas. Ao mesmo tempo, projetos educacionais estão sendo financiados pela *On the Way to School* (A Caminho da Escola), uma associação nomeada em homenagem ao premiado filme produzido pela Winds em 2013, também em parceria com a UNESCO.

Imagem da gravação do documentário Profs de l'impossible. Taslima, uma professora de Bangladesh, trabalha a bordo de uma escola flutuante, a única forma de continuar ensinando os estudantes em um país fortemente atingido pelo aumento do nível das águas.



© Sumon Delwar



Ensino atrás das grades

em Valparaíso

Carolina Jerez Henríquez,
Escritório da UNESCO de
Santiago, no Chile

Situada na parte superior da cidade portuária de Valparaíso, na costa chilena, a escola Juan Luis Vives foi fundada em 1999. Atualmente, tem 550 estudantes. O que a torna única é que está situada dentro da prisão da cidade. Todos os dias, os professores que trabalham lá são forçados a lidar com os desafios do mundo prisional – que incluem disparidades nas habilidades de aprendizagem e emoções no limite. Em 2015, a escola recebeu o Prêmio UNESCO-Confúcio de Alfabetização.

Longe do bairro histórico de Valparaíso, que faz parte da Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO, a Prisão de Valparaíso está localizada fora da rota turística – em um bairro sujeito a ventos em uma das áreas mais desfavorecidas da cidade. É aqui que a escola Juan Vives recebe os prisioneiros, que a frequentam para retomar sua muitas vezes interrompida formação escolar, ou buscar cursos de formação vocacional. Em todos os casos, o objetivo é prepará-los melhor para a vida que os espera do lado de fora, depois do cumprimento de suas sentenças.

Na escola, cada dia traz suas próprias surpresas. “Não é possível planejar nada”, explica um professor. “Tudo depende do que acontece dentro da prisão, se estão sendo realizadas batidas ou buscas, por exemplo. Há dias em que é possível ter uma programação normal. E outros em que não se consegue sequer lecionar”.

Sonia Álvarez é professora de história e educação cívica. Nos últimos 40 anos, ela tem feito campanhas pelo direito à educação das pessoas encarceradas. “Antes, eu sentia que faltava alguma coisa em minha vida. Agora, sei que o que faço é fundamental”, diz ela enquanto sobe as escadas que levam ao segundo andar da escola. É um espaço completamente novo que ela mesma projetou e construiu dentro da prisão, com o uso de recursos públicos e privados.

Funcionando sob as restrições típicas da vida prisional, a escola oferece educação básica e secundária, formação vocacional em culinária e serviços de bufê, para que os detentos aprendam uma profissão e aumentem suas chances de conseguir emprego quando voltarem ao mundo exterior.

Dar sentido a vidas

De acordo com números da Coordenação Nacional da Educação de Jovens e Adultos do governo chileno, havia 72 centros educacionais nas prisões do Chile em 2018. A escola Juan Luis Vives faz parte dessa rede. Álvarez e seus colegas acreditam que a educação é um processo libertador que renova a condição social dos indivíduos – como diria o educador brasileiro Paulo Freire – na prisão e fora dela. Isso os ajuda a refletir e dá sentido ao processo.

Ensinar nesse contexto é um desafio diário. “Tem muito a ver com a motivação dos professores e com um conceito de educação de qualidade que seja relevante para o corpo discente”, explica Jassmin Dapik, outra professora. “Aqui, é vital que os professores tenham a criatividade necessária para que o que ensinam seja útil. Como professores, precisamos ensiná-los para que sejam capazes de continuar seus estudos do lado de fora. E, acima de tudo, para que possam atuar como cidadãos e tomem as decisões certas”, acrescenta ela.

No entanto, o papel dos professores aqui não se limita à transmissão de conhecimento. Eles também ajudam os detentos a recuperar parte de sua autoestima. “Uma das coisas mais importantes é que os professores não nos tratam como prisioneiros”, diz José, que cumpre pena na prisão de Valparaíso e frequenta as aulas regularmente. “Para eles, somos pessoas que têm dignidade e direitos – eles querem que sejamos pessoas melhores do que éramos quando entramos aqui e, para isso, devem ter empatia”, ressalta Carlos, outro detento. “E é graças a essa característica que, quando estamos com os professores na sala de aula, não nos sentimos como detentos, mas como pessoas livres”, acrescenta ele.

As aulas, realizadas fora do horário da prisão, são momentos privilegiados nos quais histórias difíceis de articular podem ser compartilhadas. “Por trás de cada pessoa aqui, há catástrofes terríveis – eu os chamo de sobreviventes”, diz Leopoldo Bravo, outro professor. “Como professor, é necessário assimilar essas informações e construir as dinâmicas para enfrentar essa realidade. Os estudantes aqui são diminuídos em todos os sentidos. Mais do que oferecer uma educação acadêmica, nós estamos dedicados ao resgate do ser humano”.

Para isso, os professores são apoiados por Jessica León, uma psicóloga que incentiva os estudantes a serem mais receptivos ao processo de aprendizagem. Seu trabalho de apoiar ativamente os professores conta com o apoio do Programa de Integração Escolar (PIE). “Isso é muito necessário porque, nesse contexto, exige-se muito esforço dos professores para, de alguma forma, preencher as lacunas que os detentos têm – nos âmbitos acadêmico e emocional”, explica ela. “Para nós, como equipe, é muito importante manter a harmonia em um contexto no qual existem emoções conflitantes”.

“ Os professores também ajudam os detentos a recuperar parte de sua autoestima. ”

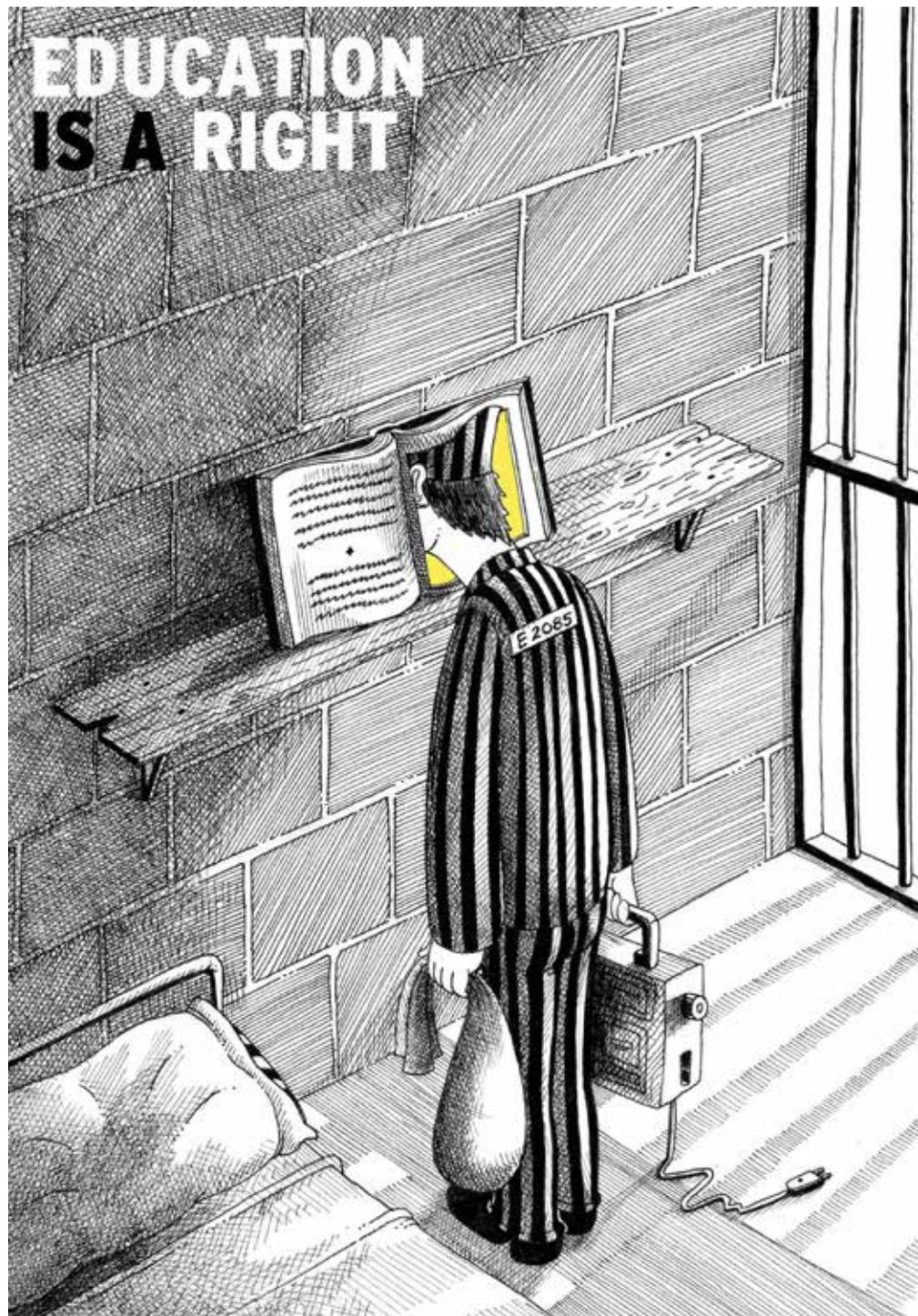
Os próprios estudantes reconhecem que os professores que trabalham dentro dos muros da prisão enfrentam uma tarefa árdua. Eles dizem ter graves problemas de concentração e lamentam não ter o tempo necessário para avançar nos estudos, como fariam em uma escola normal. “Dependemos muito do que os guardas da prisão decidem, não temos uma programação normal”, explica José.

Superar as dificuldades

Outro grande desafio é a ausência de programas educacionais concebidos especificamente para os detentos ou adaptados à sua situação. Na realidade, os próprios professores, sem qualquer treinamento específico, criam estratégias, planejam atividades e avaliam o conteúdo – visando a garantir que suas aulas sejam relevantes, e o aprendizado, útil.

Além disso, as aulas na prisão geralmente são uma mistura de estudantes com diferentes antecedentes e habilidades – o que torna o planejamento das aulas uma tarefa fundamental, mas também um desafio diário. “Temos que levar tudo isso em consideração ao planejar o nosso dia. Devemos considerar o que vamos ensinar e quais valores queremos dar a eles – como nossas aulas, na maior parte, são baseadas em conceitos, queremos que eles retenham algo”, diz Dapik. Para fazer isso, os professores da escola utilizam como ponto de partida o currículo do Ministério da Educação do Chile – e então o adaptam aos diferentes níveis e necessidades dos seus estudantes.

Mais um desafio para os professores consiste em fazer com que os estudantes atinjam um nível semelhante, uma vez que muitos deles tiveram seus estudos interrompidos uma ou mais vezes. Há também muitos casos de abandono escolar, o que dificulta a obtenção de emprego quando eles saem da prisão. Contudo, é pouco provável que esses desafios repetidos sejam capazes de desencorajar os professores. “Nós sabemos que a educação transforma as pessoas. Vemos essas mudanças ocorrendo ao longo do tempo; é essa satisfação que nos motiva”.



© posterfortomorrow 2011/Elmer Sosa

Pôster concebido pelo artista gráfico mexicano Elmer Sosa sobre o tema do direito à educação.



Um professor traz esperança a um remoto vilarejo chinês

Wang Shuo, jornalista chinês

As pessoas que vivem em Heihumiao, na província de Henan, na parte central da China, costumam sonhar em deixar as montanhas para encontrar uma vida melhor na cidade. Zhang Yugun também foi embora. No entanto, depois que se formou, ele decidiu voltar para o vilarejo onde cresceu – para dar às crianças alguma chance.

Partindo do condado de Zhenping e seguindo pela estrada da montanha até o cume, que se eleva a mais de 1,6 mil metros acima do nível do mar, é possível ver a escola primária Heihumiao, situada no vale abaixo. É aqui que Zhang Yugun leciona há 18 anos.

O vilarejo de Heihumiao está longe de tudo. Em épocas anteriores, os moradores que queriam deixar a montanha tinham que seguir por trilhas abertas pelo gado e pelas ovelhas na cordilheira, escalar o topo da colina, e então atravessar a vertiginosa encosta de Bali. A estrada da montanha é tão acidentada que é impossível andar de bicicleta por ela – costumava levar pelo menos cinco horas para subir a colina, sem qualquer transporte disponível. As condições adversas significavam que

poucos professores estavam dispostos a trabalhar aqui.

“Se os professores de fora não querem vir, e os estudantes que formamos não querem ficar, quem seria responsável pela educação das crianças aqui?”, pergunta Zhang. Essa pergunta o assombrou depois que visitou sua antiga escola, acompanhado pelo ex-diretor, Wu Longqi. Embora tenha hesitado, devido aos baixos salários e ao ambiente difícil, Zhang finalmente decidiu ficar. Ele prometeu a Wu que iria transformar a vida das crianças e manteve sua palavra.

Na ausência dos pais, a maioria dos quais trabalha longe de casa, é o professor que acompanha os estudantes todas as manhãs no caminho íngreme até a escola.



© Shasha GUO/China Pictorial



© Shasha GUO/China Pictorial

Devido à falta de professores na escola de seu vilarejo isolado, Zhang Yugun aprendeu a assumir muitos papéis. Além de matemática e educação ética, ele também ensina música.

A esperança carregada em uma palanque

Livros, livros didáticos, lápis e borrachas – a escola precisava de material de ensino, mas também de alimentos básicos, como óleo, sal, vinagre, legumes e arroz. Todas essas coisas tinham que ser trazidas da cidade. De 2001 a 2006, Zhang carregou esses suprimentos da cidade até a montanha, usando cestos amarrados a uma palanque que herdou de Wu. Essa era a única maneira de possibilitar que as crianças frequentassem a escola, e dar-lhes a chance de deixar as montanhas, se assim desejassem.

Em um dia de inverno, a estrada da montanha estava escorregadia demais para se caminhar. Era quase o primeiro dia de aula, e os livros das crianças ainda estavam em Gaoqiu, uma cidade a mais de 30 quilômetros de distância. Diante desse desafio, Zhang e outro professor correram até a cidade no início da manhã, carregando a palanque por caminhos lamacentos. Quando voltaram à escola, sobrecarregados com o peso dos livros didáticos, eles estavam quase completamente cobertos de lama. No entanto, os livros permaneceram limpos.

As condições melhoraram nos últimos anos. Desde 2006, uma estrada de concreto permite o acesso ao vilarejo, rompendo seu isolamento. Ônibus começaram a percorrer a rota ocasionalmente, desde o inverno de 2017.

Zhang agora pilota uma motocicleta para transportar os livros didáticos e as necessidades diárias para o vilarejo – geralmente sobrecarregado com mais de 100 quilos. Mas as condições continuam a ser difíceis. Desde o retorno no professor, quatro de suas motocicletas quebraram, e ele teve que trocar inúmeros pneus.

No entanto, Zhang se recusa a reclamar. “Acredito que todos os meus esforços valerem a pena, porque os estudantes a quem ensinei conseguiram ir embora das montanhas”, diz ele. Antes de se tornar um professor no vilarejo, ele era o único estudante de Heihumiao a frequentar a faculdade – desde então, o número aumentou para 22.

Um professor versátil

Devido à falta de professores, Zhang se treinou para assumir muitos papéis. Ele é o diretor e o professor de matemática e educação ética. Nos últimos 18 anos, ele também adquiriu habilidades que vão muito além do escopo de sua formação inicial. Além de lecionar, ele atua como cozinheiro, como alfaiate depois da escola, e até mesmo como enfermeiro, em emergências.

Porém, seu papel de ajudar os estudantes vai ainda mais longe. A maioria dos pais das crianças trabalha fora de casa, e Zhang

entende as provações enfrentadas por cada uma das famílias. “Durante todos esses anos, Por muitos anos, nenhum dos estudantes de nosso vilarejo abandonou a escola devido à pobreza, especialmente as meninas”, disse o administrador do vilarejo. Zhang convenceu os pais dos estudantes cujas famílias moram longe da escola a deixar seus filhos viverem e se alimentarem nas dependências da escola. Com o auxílio de sua esposa, ele tem ajudado os estudantes a lavar e consertar suas roupas, e tem cuidado de todas as suas necessidades diárias. Com sua escassa renda, ele sustentou mais de 300 estudantes para que pudessem continuar seus estudos”. Felizmente, com a ajuda do Departamento de Educação, as condições na escola continuam a melhorar. A escola – onde atualmente 51 estudantes estão matriculados – agora tem novos prédios de dormitório, refeitórios, parquinhos e salas de informática.

Influenciados e inspirados por Zhang, quatro professores aposentados decidiram voltar às montanhas para retomar o ensino. Incentivados pelo recrutamento social, atualmente a escola conta com 11 professores. “Enquanto as crianças estiverem lá, nós também estaremos”, dizem alguns deles.



Zoom



50 - 3 - 10

Um dos 38 negativos de fotografias tiradas por David Seymour para a UNESCO em 1950. A maioria desses negativos permanece inédita. Eles ilustram a campanha para combater o analfabetismo no sul da Itália. Vemos uma turma de adultos no Centro

Cultural Popular de Rogiano Gravina, na Calábria. Em várias ocasiões, a lente do fotógrafo foca nas mãos dos agricultores mais velhos que, sem muita habilidade para manusear uma caneta, tentam traçar o contorno das letras – alguns, pela primeira vez.

Tesouro de arquivo:

o álbum inédito de David Seymour

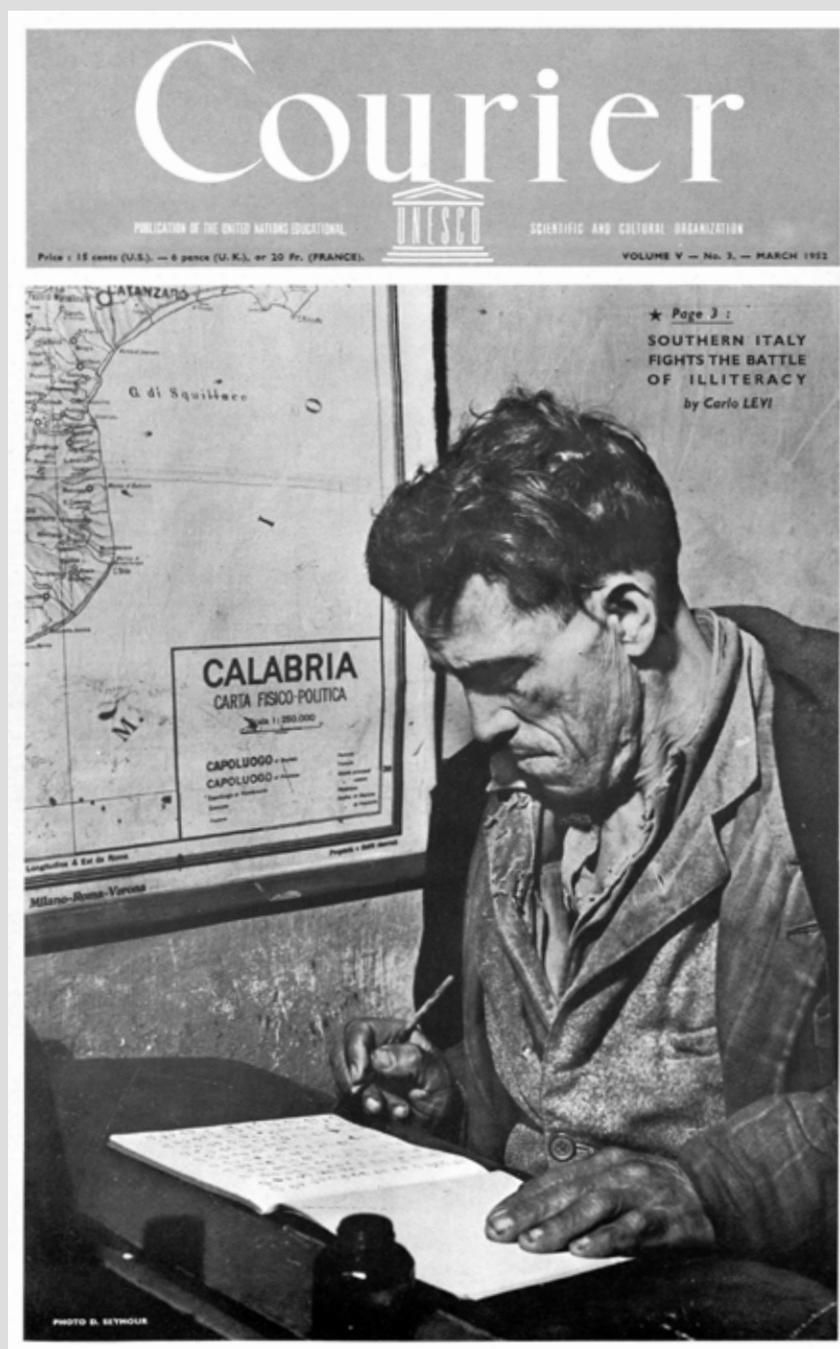
**Fotos: David Seymour/
Magnum Photos**

Texto: Giovanna Hendel, UNESCO

Tudo começou no outono de 2017, com a análise dos acervos audiovisuais da UNESCO, após sua transferência para os arquivos da Organização. A maioria dos acervos mal havia sido indexada em seus quase 70 anos de existência. Caminhar por esses arquivos era um pouco como visitar *A Biblioteca de Babel*, de Jorge Luis Borges. Com milhares de documentos nos arquivos, a única maneira de se ter uma ideia de como o acervo foi organizado era, simplesmente, abrir as gavetas dos muitos armários antigos e dar uma olhada em seu interior.

Foi ao abrir uma dessas gavetas que fizemos uma descoberta incrível: um álbum inédito de 38 negativos e textos que os acompanham de David "Chim" Seymour, um dos maiores fotógrafos do século XX. Em 1947, Seymour, juntamente com Henri-Cartier Bresson, Robert Capa, George Rodger e outros importantes fotógrafos, fundaram em conjunto a cooperativa fotográfica Magnum – agora conhecida como Magnum Photos.

Em 1950, a UNESCO contratou Seymour para fazer uma reportagem sobre uma grande campanha para combater o analfabetismo no sul da Itália. *O Correio da UNESCO* publicou um artigo sobre o assunto em março de 1952, com as fotografias de Seymour e um texto de Carlo Levi, autor do famoso romance *Cristo parou em Eboli* (*Cristo si è fermato a Eboli*), de 1945. O livro tem como base o que o intelectual italiano vivenciou quando, na década de 1930, foi exilado pelas autoridades fascistas em uma região remota, atualmente conhecida como Basilicata. Ele conta a história da vida



Uma das fotos nos negativos mostrada ao lado foi usada como capa do número de março de 1952 d'O Correio da UNESCO. Um camponês idoso aprende a escrever. À sua direita, o mapa da Calábria, na Itália, permite que o leitor situe o local da reportagem.

de seus habitantes, seus costumes, suas crenças e a miséria pela qual passaram.

Após 67 anos, por ocasião da publicação do livro *They Did Not Stop at Eboli: UNESCO and the Campaign against Illiteracy in a Reportage by David "Chim" Seymour and Texts by Carlo Levi* (Eles não pararam em Eboli: a UNESCO e a campanha contra o analfabetismo em uma reportagem de David "Chim" Seymour e textos de Carlo Levi, em tradução livre), de 1950, que reproduz a totalidade do álbum de Seymour, acompanhado de ensaios analíticos, *O Correio* apresenta outra perspectiva do trabalho do fotógrafo.

O contexto histórico da reportagem de Seymour foi a luta contra o analfabetismo conduzida pelo governo italiano do pós-guerra e por associações não governamentais, como a *Unione Nazionale per la Lotta contro l'Analfabetismo* (União Nacional para o Combate ao Analfabetismo – UNLA). O analfabetismo era desenfreado no sul do país. Em algumas regiões, como a Calábria, aonde Seymour viajou para sua reportagem, cerca de 50% da população era analfabeta na época.

Para combater esse flagelo, desde que foi fundada em 1947, a UNLA contribuiu para a criação de muitas escolas que oferecem aulas de alfabetização básica para crianças e adultos. A iniciativa mais original da organização foi a criação de Centros Culturais Populares em todo o país. Sob a direção de um professor da UNLA, os adultos que já se beneficiaram das aulas de alfabetização podem continuar sua educação, fazendo perguntas sobre suas vidas concretas e também sobre questões mais teóricas. O professor da UNLA tentou respondê-las com o apoio de profissionais da comunidade – como médicos, farmacêuticos, veterinários, párocos etc.

A UNESCO primeiramente se interessou e, depois, apoiou a campanha italiana – claramente considerando-a muito importante, já que a reportagem foi encomendada a um dos grandes fotógrafos da época.

They Did Not Stop at Eboli: UNESCO and the Campaign against Illiteracy in a Reportage by David "Chim" Seymour and Texts by Carlo Levi (1950). Editado por Giovanna Hendel, Carole Naggar e Karin Priem. UNESCO/De Gruyter, 2020.

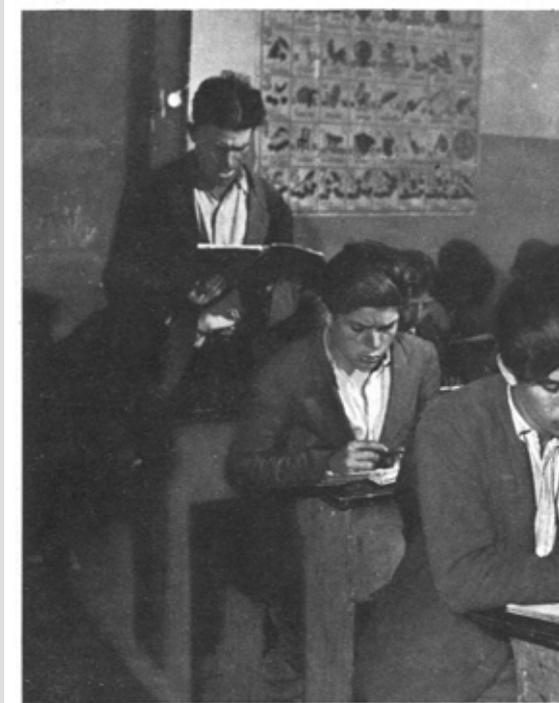
Para sua reportagem, Seymour não apenas tirou centenas de fotos, mas também escreveu notas muito detalhadas para acompanhá-las. Ele forneceu enredos ou temas distintos para grupos de fotografias, e fez até mesmo sugestões para possíveis seleções editoriais. Algumas dessas escolhas, mas não todas, foram seguidas no artigo de 1952 d'*O Correio*, e apenas uma pequena parte do texto foi usada. Depois de 67 anos, é hora de fazer justiça ao que Seymour observou.

Por exemplo, pouca atenção foi dada às observações detalhadas de Seymour sobre a condição das mulheres no contexto em análise. Em particular, no texto que acompanha outra série de fotos de mulheres que aprendem a ler – incluindo a foto de uma mulher aprendendo a ler com sua filha, reproduzida no artigo de 1952 –, Seymour destaca o vínculo da campanha de alfabetização com a aplicação de medidas de oportunidades iguais para promover o progresso social.

O artigo de 1952 d'*O Correio* também reproduziu uma das fotos de Seymour, em que mulheres transportam cargas sobre suas cabeças (neste artigo, reproduzimos outra foto dessa série [p. 26], digitalizada para *They did not Stop at Eboli*). No entanto, a legenda que acompanha essa foto restringiu seu papel. Ela foi usada para ilustrar o fato de que os trabalhadores deviam ser ensinados em aulas noturnas, após um dia cansativo nos campos.

Da mesma forma, o artigo de 1952 reproduziu uma das fotografias de Seymour de homens que trabalham nos campos. Contudo, mais uma vez, o papel da foto foi reduzido pela legenda, que ilustrou o trabalho árduo do dia, seguido pelas aulas noturnas. Porém, ao ler os comentários de Seymour sobre uma de suas séries de fotografias de homens trabalhando nos campos, é possível apreciar a profundidade de suas observações – uma vez que ele salientava que as campanhas educacionais deviam andar de mãos dadas com as reformas sociais e econômicas.

Esta *mise en abyme* d'*O Correio* ilustra como os arquivos da UNESCO continuam a lançar luz sobre campanhas passadas que ainda hoje são de grande relevância – ao mesmo tempo em que destaca como essas campanhas foram trazidas à atenção dos leitores.



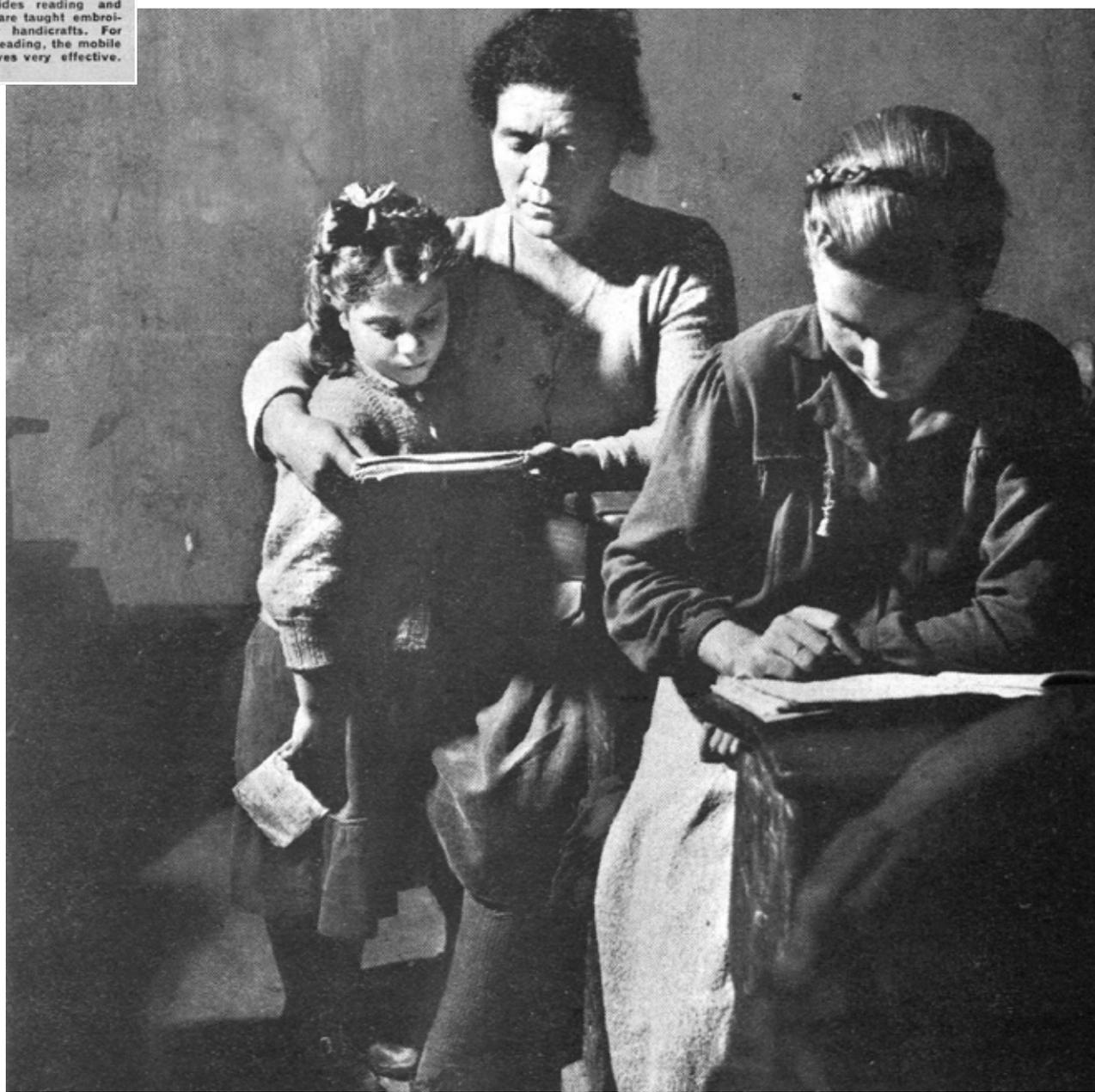
Uma composição de fotografias, como apareceram n'*O Correio*, março de 1952.

Legenda d'*O Correio*, março de 1952:

Após um árduo dia de trabalho no campo, os camponeses de Rogiano Gravina assistem a aulas noturnas, muitas vezes acompanhados de seus filhos. O analfabetismo é mais comum entre as mulheres do que entre os homens. Além de ler e escrever, as mulheres aprendem a bordar e outras atividades manuais. Para o ensino da leitura, o sistema de letras móveis se mostra muito eficaz.



After a hard day's labour in the fields, peasants of Rogiano Gravina attend evening classes, often accompanied by their children. Illiteracy is more widespread among women than men. Besides reading and writing, women are taught embroidery and other handicrafts. For the teaching of reading, the mobile letter system proves very effective.



Observação de David Seymour:

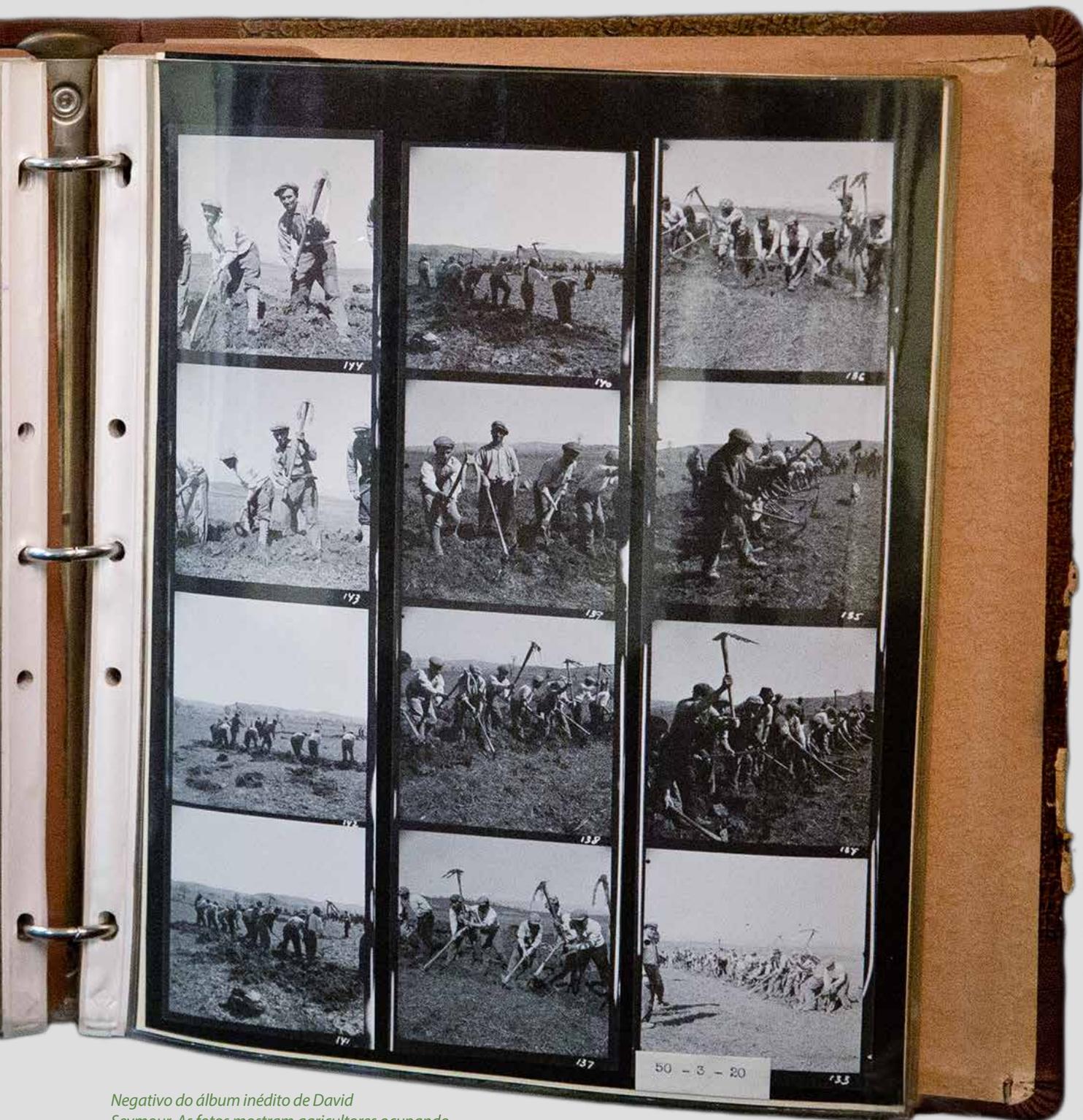
“Aulas noturnas de leitura para mulheres. A questão dos filhos pequenos dos estudantes é resolvida de várias maneiras. Às vezes, eles são trazidos para a escola e ficam na sala com sua mãe e seu pai. No caso dos bebês, as mães e os pais se revezam – em noites alternadas, um fica em casa enquanto o outro vai à escola. As antigas tradições estabelecidas no sul da Itália, nas quais a mulher foi mantida em uma posição muito inferior, estão mudando aqui”.

SIAM
100% FRAN
Nº 2624

139 - The need for agrarian reform in Southern Italy is recognized by everybody. The Italian Parliament is discussing at present a project of law concerned with agrarian reform. However, poor peasants of Calabria went ahead and started occupying uncultivated land. This occupation is not taking over the land. It means only that the peasants will work the land, harvest the crop, and give the owner the usual share of the harvest which varies from 30 to 40 per cent. The average holdings of Rogiano Gravina peasants and agricultural workers are from two to four acres (the minimum land holding for a peasant family to assure an acceptable standard of living being from 15 to 20 acres). The extent of the occupation goes to one or two acres per family and still doesn't solve the basic problems of living. The occupation was peaceful, with no police or carabinieri present. The man in center, Oreste Rossini, has a family of five, land holding of three acres and is a very active pupil in the evening school of the Centro.



Fotografia tirada do negativo reproduzido ao lado.



© David Seymour / Magnum Photos / foto: UNESCO / Christelle Alix

Negativo do álbum inédito de David Seymour. As fotos mostram agricultores ocupando pacificamente e trabalhando em terras não cultivadas. Acompanham fatos e observações detalhadas feitas pelo fotógrafo (veja abaixo).

Observação de David Seymour:

A necessidade de reforma agrária no sul da Itália é reconhecida por todos. Atualmente, o Parlamento Italiano está discutindo um projeto de lei relacionado à reforma agrária. No entanto, os camponeses pobres da Calábria se adiantaram e começaram a ocupar terras não cultivadas. Com essa ocupação, eles não estão se apropriando da terra. Significa apenas que os camponeses irão trabalhar a terra, colher o cultivo e dar ao proprietário a quota usual da colheita, que varia de 30% a 40%. As propriedades médias dos camponeses e trabalhadores agrícolas de Rogiano Gravina têm de 2 a 4 hectares (a propriedade mínima para que uma família camponesa possa garantir um padrão de vida aceitável é de 15 a 20 hectares). A extensão da ocupação fica em 1 ou 2 hectares por família, e ainda não resolve os problemas básicos da vida. A ocupação foi pacífica, sem a presença de policiais ou carabinieri. O homem no centro, Oreste Rossini, tem uma família de cinco pessoas, uma propriedade de 3 hectares, e é um estudante muito ativo na escola noturna do Centro.

Observação de David Seymour:

“Uma das muitas fotografias de mulheres transportando diferentes cargas em suas cabeças. Tenho uma ideia geral de que essas imagens podem ser usadas como uma espécie de introdução simbólica à história. Ainda não consegui encontrar o slogan verbal para isso, mas a ideia geral é que as pessoas da Calábria usavam a cabeça para transportar cargas, às vezes, cargas muito pesadas, e agora estão descobrindo que podem usar a cabeça para a educação.”





Observação de David Seymour:

Primeira aula de leitura para camponesas em Rogiano Gravina. O analfabetismo é muito mais comum entre as mulheres do que entre os homens, e a Liga para o Combate ao Analfabetismo está realizando esforços especiais para atrair mulheres para as aulas noturnas. Além de ler e escrever, as mulheres aprendem a bordar e outras atividades manuais, e suas aulas noturnas são divididas entre leitura, escrita e costura. O bem-sucedido artifício de bordar as letras combina tudo em um só. Para a leitura, o sistema móvel mostrado aqui é muito eficaz.



Ideias

Um árabe dos pântanos, que vive em uma tradicional casa de junco, bebe leite de búfala fresco em uma manhã fria. Esta foto, tirada em março de 2017 nas regiões pantanosas do sul do Iraque, é da série O último Éden do Iraque: os Pântanos da Mesopotâmia, da fotógrafa francesa Emilienne Malfatto.

© Emilienne Malfatto



Lições de arquitetura para o futuro, por meio do passado

Amin Al-Habaibeh

As cidades modernas, com suas vias pavimentadas e torres de vidro, dificilmente estão adaptadas para lidar com o esperado aumento das temperaturas. Projetados para fornecer sombra e circulação do ar, os prédios tradicionais do Oriente Médio e dos países do Golfo e da África podem inspirar habitats mais sustentáveis e ecológicos em outras partes do mundo.

Como resultado do aquecimento global e do aumento dos níveis dos gases de efeito estufa (GEEs), é cada vez mais provável que cidades por todo o mundo sejam expostas a temperaturas extremas. Isto é particularmente verdadeiro nos países do Golfo Pérsico, onde se espera que as temperaturas aumentem para mais de 50°C durante o século XXI. Contudo, essas ondas de calor não pouparam outras regiões do mundo – em especial a Europa, onde, durante o verão de 2019, temperaturas recordes foram alcançadas na França, no Reino Unido e na Suíça, entre outros países.

Atualmente, os estilos de vida e a arquitetura dependem de ar-condicionado e de materiais modernos, como concreto, asfalto e vidro. Esses materiais, no entanto, não são adaptados a temperaturas elevadas. O vidro reflete a radiação solar para áreas vizinhas, criando ilhas de calor e o risco de um efeito estufa dentro dos prédios. O asfalto também absorve grande parte dos raios solares, o que converte em fluxo de calor – dessa

forma, contribuindo para o aquecimento do ambiente local. O concreto, por outro lado, consome muita energia durante sua produção, o que contribui para o aquecimento global por meio das emissões de carbono. Além disso, o planejamento urbano moderno não favorece o transporte público. Isso torna os carros particulares uma necessidade, ocasionando mais poluição e ilhas de calor localizadas, especialmente quando combinado com os sistemas de ar-condicionado dos prédios.

Historicamente, antes da adoção do estilo de vida moderno, a maioria das

pessoas no planeta vivia de maneira mais harmoniosa com o meio ambiente. Eram agricultores dentro de oásis, comunidades rurais agrícolas ou pesqueiras, beduínos ou nômades que moravam em tendas no deserto, ou habitantes urbanos que moravam nas cidades.

Os materiais que escolhiam para construir suas moradias vinham do meio ambiente. Aqueles eram sustentáveis, adaptados ao seu estilo de vida e fundamentados no que hoje é chamado de “economia circular”. Devido ao seu estilo de vida itinerante e à criação de animais, os beduínos viviam em tendas que eram otimizadas, para a proteção contra as intempéries e a flexibilidade. As tendas eram projetadas e montadas para funcionar de forma eficaz com o meio

Um pátio andaluz típico, em Córdoba, na Espanha.



© kelvinjay/Stock/Getty Images Plus

“ Na Jordânia, o povo Nabateu levou essa simbiose com a natureza ainda mais longe, por meio do uso da inércia térmica do solo. ”

ambiente – eram tecidas usando os recursos disponíveis, como pelos de cabra e lã de ovelhas. Por isso, em árabe, elas são chamadas de “casas de pelos”.

Materiais ecológicos

O material do qual a tenda é feita permite a circulação do ar. Quando são molhadas, as fibras se tornam inchadas e impermeáveis, o que é ideal durante o tempo chuvoso. No tempo quente e seco, os beduínos molhavam as tendas e a área adjacente, bem como umedeciam outros pedaços de tecido e tapetes para reduzir as temperaturas, por meio da evaporação da água. A alta capacidade de isolamento térmico da tenda possibilitava condições amenas no verão e calor no inverno, por meio de uma pequena fogueira. Nada nos impede de usar materiais semelhantes para criar arquitetura moderna, a fim de tornar as temperaturas mais suportáveis.

Os prédios do passado, por outro lado, foram projetados com paredes muito espessas, com o uso de materiais naturais e ecológicos como o calcário e a lama natural, que, em alguns casos, eram misturados às plantas locais do deserto. Isso proporcionava um material de construção com alta capacidade térmica para regular a temperatura dos prédios. O material tinha a vantagem de ser capaz de absorver a umidade durante o período da noite, que evaporaria ao longo dos dias quentes e ensolarados, proporcionando assim o necessário efeito de resfriamento. Esse efeito é evidente no Palácio Vermelho, em Al-Jahra, no Kuwait – um excelente exemplo da tecnologia arquitetônica e de construção que existia na região do Golfo.

Em climas quentes, as cidades e os prédios eram projetados para otimizar a sombra, reduzir o ganho térmico direto ou indireto da radiação solar, regular a temperatura dos prédios e aumentar a circulação de ar para resfriamento. As ruas eram pavimentadas com pedras naturais, ou eram simplesmente cobertas de areia. Isso significava que elas reagiam muito melhor a temperaturas altas do que o asfalto utilizado atualmente. Com vias e becos estreitos, assim como prédios construídos próximos uns aos outros, a proporção da área exposta ao sol em relação ao volume total dos prédios era reduzida ao mínimo.

Opção por sombra e ar

Os prédios eram projetados com pátios internos cercados por salas ou paredes – na maioria dos casos, de todos os lados. Isso criava uma grande área para atividades sociais à noite e no final da tarde, devido à maximização da sombra proporcionada pelas salas ao redor. Na maioria dos casos, o pátio central continha árvores e uma fonte ou poço, que era usado para captar água da chuva. Ao meio-dia, o pátio funcionava como uma chaminé, para que o ar quente subisse e fosse substituído pelo ar mais frio das salas ao redor, o que melhorava a circulação do ar.

Esse tipo de arquitetura era muito comum em Damasco, na Síria, e na Andaluzia, na Espanha. As ruas estreitas podiam ser cobertas com materiais leves das tamareiras. Isso melhorava a circulação do ar entre as ruas e os pátios dos prédios, por meio das salas. A textura e a coloração arenosa das paredes limitava a absorção e a emissão do calor irradiado.

O vidro não era um material de construção comum no passado. Alguns cômodos tinham apenas duas janelas. A primeira era uma pequena claraboia, localizada bem no alto e mantida aberta para a circulação do ar e entrada da luz natural, ao mesmo tempo em que preservava a privacidade. Uma segunda janela, maior, era geralmente mantida fechada, com persianas de madeira que permitiam um fluxo de ar no cômodo, de modo a também proteger a privacidade.

A *mashrabiya*, uma janela saliente com treliça de madeira entalhada, geralmente localizada nos andares mais altos dos prédios, garante uma melhor circulação do ar e protege contra a exposição direta ao sol.

Construída em 2011, a Escola de Costura Aço-Terra, localizada em Niamei, no Níger, combina o conhecimento e os materiais locais com avanços tecnológicos contemporâneos. A durabilidade da estrutura, que utiliza materiais como o banco, uma mistura de terra e palha com boa inércia térmica, é protegida por um teto duplo de metal.



© photo: Gustave Deghillage/architect: Odile Vandermeeren

Essa era uma característica comum dos prédios em muitas regiões do Oriente Médio, incluindo o Egito, a região de Hejaz na Arábia Saudita, e o Iraque – onde as janelas são conhecidas como *roshan* ou *shanasheel*. Alguns prédios no Golfo tinham uma torre de vento para criar ventilação natural, onde era possível abrir e fechar portas no teto, dependendo da direção do vento – desempenhando uma função semelhante à dos sistemas modernos de refrigeração do ar.

Outras características da concepção de prédios eram as estruturas elevadas e os claustros, a fim de maximizar a sombra e melhorar a circulação do ar. Eram frequentemente usados com abóbadas, para aumentar internamente o volume de ar e reduzir o ganho térmico externo. A ideia era criar um diferencial térmico que produzisse uma brisa refrescante, independentemente da efetiva velocidade do vento.

CC BY-SA 2.0 photo: Dennis Jarvis



Uma casa troglodita em Matmata, no sul da Tunísia.

Simbiose com a natureza

Na África, cabanas de lama ainda são construídas atualmente. Com um *design* sustentável e simples, feitas de lama e palha, as cabanas não apenas oferecem resfriamento passivo, mas também são rápidas de se construir, baratas e recicláveis. O mesmo se aplica às tradicionais casas de junco feitas pelo povo Madan, ou “árabes dos pântanos”, nas regiões pantanosas do sul do Iraque – sua estrutura e *design* únicos oferecem proteção com maior circulação do ar.

Em Petra, na Jordânia, o povo Nabateu levou essa simbiose com a natureza ainda mais longe, por meio do uso da inércia térmica do solo. Eles criaram uma cidade engenhosamente planejada, com moradias inovadoras e um eficiente sistema de captação da água da chuva. Os habitantes originais tiraram proveito das montanhas naturais da região, construindo suas habitações na encosta das montanhas. Isso garantiu temperaturas bem reguladas no verão e no inverno – ao contrário dos prédios modernos, nos quais as temperaturas oscilam de acordo com a estação. Estruturas e conceitos semelhantes, que usam a inércia térmica do solo, também podem ser encontrados na Capadócia, na Turquia; nas habitações nos penhascos dos índios Sinagua, no Castelo de Montezuma, no Arizona; e nas *cavetes*, ou cavernas escavadas pelo ser humano, e nos caminhos esculpidos em rochas tufo macias em Tsankawi, no Novo México – ambos nos Estados Unidos.



Um dos projetos arquitetônicos históricos mais fascinantes, as habitações subterrâneas dos trogloditas, pode ser encontrado na vila bérbere de Matmata, no sul da Tunísia. Construídas por meio da escavação de um grande fosso no chão, geralmente em um local montanhoso, as cavernas, que servem como cômodos, são esculpidas a partir do fosso central, que se torna um pátio central. Esse *design* garante um excelente isolamento térmico. Uma das habitações de Matmata, agora convertida em um hotel, apareceu no filme *Guerra nas Estrelas: Episódio IV – Uma Nova Esperança*, de 1977, como o lar de Luke Skywalker no fictício planeta deserto de Tatooine.

Adaptar seu estilo de vida era mais uma forma de as pessoas lidarem com as condições climáticas extremas no passado. O dia de trabalho começava pouco antes do amanhecer, e as pessoas buscavam refúgio do sol do meio-dia até o final da tarde – quando retomavam suas atividades e socializavam em temperaturas mais amenas. Essa cultura ainda é praticada no Oriente Médio e na Espanha, onde a *siesta* é respeitada. A água potável é armazenada em jarras de barro ou em sacos de água feitos de peles de animais e mantidos na sombra. O processo de evaporação cria um efeito de resfriamento para a água armazenada e para os arredores.

As pessoas trajavam roupas feitas de materiais naturais – os estilos de vestimentas folgadas foram pensados para melhorar o resfriamento e a circulação do ar, ao mesmo tempo em que cobriam a maior parte do corpo para evitar queimaduras de sol. As cabeças e os rostos de homens e mulheres eram frequentemente protegidos por lenços – concebidos para reduzir a perda de água pela respiração, filtrar a poeira, proteger da insolação e evitar o envelhecimento da pele. Esse tecido versátil é conhecido por diferentes nomes, dependendo do gênero, da região e do *design*.

Soluções modernas a partir de conceitos tradicionais

Na Europa, as pessoas têm utilizado adegas para preservar vinho em uma faixa específica de temperaturas, usando a inércia térmica do solo. Esse conceito pode ser aprimorado para fornecer temperatura regulada tanto em clima quente quanto em frio. Incorporar projetos tradicionais na arquitetura moderna pode ser mais uma solução para enfrentar a mudança climática. O uso da arquitetura tradicional funcionou bem para alguns prédios modernos em Sevilha, na Espanha, por exemplo. Uma fonte de água no meio

de um pátio cercado por árvores e pela estrutura do prédio funciona bem para reduzir a temperatura.

A cidade de Masdar, um projeto urbano planejado em Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos (EAU), tem procurado combinar lições do passado com tecnologias modernas – com o uso de janelas *mashrabiya*, ruas estreitas e cores tradicionais.

Outros países do Golfo também estão trabalhando para projetar edifícios ecológicos sustentáveis. Com as pesquisas em andamento e o aprimoramento dos materiais de construção e de pavimentação, os projetos de edifícios e o planejamento urbano, o isolamento e o uso de energias renováveis, as cidades do Golfo e de outros países com temperaturas elevadas são capazes de manter um estilo de vida

confortável – com níveis de emissões de carbono e uso de combustíveis fósseis consideravelmente mais baixos.

Na Europa, onde se espera que as temperaturas variem entre o calor e o frio extremos no futuro, um bom começo seria aumentar a espessura das paredes dos prédios, acrescentando isolamento e materiais naturais. Isso reduziria a necessidade de aquecimento no inverno e de ar-condicionado no verão.

Felizmente, o aumento das temperaturas também provoca um aumento da energia solar renovável. Na maioria das residências, o uso do energia solar fotovoltaica, combinada com um melhor isolamento, poderia fornecer a energia necessária para operar os sistemas de ar-condicionado. Porém, isso criaria ilhas de calor nas vias – particularmente nas feitas



© Laurent Weyl/Argos/Saif images/courtesy of Foster + Partners

“ Ao longo dos séculos, as pessoas projetaram edifícios para serem sustentáveis em termos de exigências de aquecimento e resfriamento, usando técnicas engenhosas e materiais sustentáveis provenientes do ambiente local. ”

Construção de uma torre eólica modernizada, pela empresa internacional de arquitetura Foster + Partners, na cidade de Masdar, em Abu Dhabi, nos EAU. Essa estrutura de 45 metros de altura, feita de aço reciclado, é equipada com atomizadores, o que reduz as correntes de ar para promover o frescor.



de asfalto, como é o caso atualmente. Plantar mais árvores ajudaria a regular a temperatura nessas condições e proporcionaria um ambiente mais fresco.

O uso de materiais naturais novos ou inovadores que absorvem a umidade e aumentam a capacidade térmica poderia regular o ganho de calor e auxiliar o processo natural de resfriamento. O planejamento urbano inteligente, que simula cidades antigas, poderia tornar o uso do transporte público limpo uma opção mais viável. Como a temperatura da água do mar é mais regulada do que a do ar, substituir os sistemas de ar-condicionado existentes por sistemas de refrigeração e aquecimento em larga escala no âmbito local poderia fornecer uma alternativa sustentável. A mesma tecnologia também poderia ser aplicada à água de rios e à água de minas de carvão inundadas.

Existem muitas lições a serem aprendidas de prédios tradicionais em todo o mundo. Ao longo dos séculos, as pessoas projetaram edifícios para serem sustentáveis em termos de exigências de aquecimento e resfriamento, usando técnicas engenhosas e materiais sustentáveis provenientes do ambiente local. Se desejamos reduzir o aquecimento global para as gerações futuras, devemos integrar essas lições às nossas tecnologias modernas para criar cidades sustentáveis e de carbono zero.



Professor de sistemas de engenharia inteligentes na Faculdade de Arquitetura, Design e Ambiente Construído da *Nottingham Trent University*, no Reino Unido, **Amin Al-Habaibeh** (Reino Unido) também lidera o grupo de pesquisa em *Innovative and Sustainable Built Environment Technologies* (Tecnologias Inovadoras e Sustentáveis do Ambiente Construído – iSBET).



Nossa convidada



Aos 90 anos, Nelly Minyersky é uma figura importante na luta das mulheres argentinas para denunciar a violência de gênero e descriminalizar o aborto.

© Sebastián Hacher

Nelly Minyersky:

a rainha verde

Entrevista por
Lucía Iglesias Kuntz, UNESCO

Por meio de suas campanhas para protestar contra a violência de gênero e o feminicídio, como a #NiUnaMenos (Nem Uma a Menos), e sua luta pela legalização e descriminalização do aborto, as mulheres argentinas estão abrindo novos caminhos e transcendendo fronteiras. A advogada Nelly Minyersky, 90 anos, é uma de suas representantes mais ativas. Tanto é assim que alguns a chamam de “a rainha verde”, por causa da cor dos lenços usados pelos apoiadores de abortos gratuitos e seguros – que exigem, em suma, uma lei “para não morrer”.

De onde vem o compromisso da senhora com os direitos humanos?

Meu pai emigrou para a Argentina da Bessarábia, atual Moldávia, aos 23 anos. Toda a sua família estava na Europa e, por isso, nós vivemos a Segunda Guerra Mundial com muita intensidade. Lembro-me de ouvir a voz de Hitler no rádio – aquela voz pungente foi uma coisa muito difícil que me marcou e, sem dúvida, me predisps a fazer o que faço.



© Gala Abramovich

Nelly Minyersky com ativistas da Campanha Nacional pelo Direito ao Aborto Legal, Seguro e Gratuito, do lado de fora do Congresso Nacional da Argentina, em 13 de junho de 2018, durante um debate sobre a lei para a legalização do aborto.

E quanto ao feminismo? A senhora teve modelos a seguir?

Eu estaria mentindo se dissesse que me inspirei nas grandes figuras do movimento. Meus exemplos foram mulheres independentes. As mulheres da família do meu marido eram todas profissionais – químicas, professoras de francês... Sempre fui cercada por pessoas progressistas. Entrei na área do direito e me interessei pelo feminismo como parte dos direitos humanos em geral, pois vivi sob várias ditaduras.

Me especializei em direito de família e comecei a perceber que a incapacidade jurídica da mulher se referia principalmente à mulher casada. A mulher solteira tinha muito poucas limitações ou restrições, e gozava praticamente de todos os direitos. No entanto, devido ao modelo econômico e ao desejo de preservar a renda familiar, a mulher casada era muito mais limitada. Quando me interessei em mudar as coisas, me interessei pelo feminismo.

Como surgiu a atual campanha pelo direito ao aborto na Argentina, na qual a senhora está envolvida?

A campanha pelo direito ao aborto foi iniciada em 2005, mas teve origem no *Encuentro Nacional de Mujeres* (Encontro Nacional de Mulheres), criado em 1986, logo após a restauração da democracia¹. Os encontros são espaços para reunião e discussão de valores, princípios e formas de organização, pelas e para as mulheres, e são realizados todos os anos em uma cidade na Argentina. Quando eles começaram, cerca de mil de nós participaram – agora, somos mais de 60 mil mulheres que participam.

Os encontros são realizados ao longo de dois dias e meio, nos quais toda a atividade gira em torno de questões de gênero – com oficinas, peças teatrais, feiras de artesanato, painéis sobre saúde e amamentação, e debates literários com uma perspectiva de gênero. É uma experiência única que une diferentes classes sociais, diferentes idades.

1. A democracia foi restaurada na Argentina em outubro de 1983, após uma ditadura sangrenta que teve início em 1976.



Um aborto legal, seguro e gratuito.
 Desenho da artista argentina Andi Landoni, parte da campanha Linea Peluda pela legalização do aborto.

© Andi Landoni

Na minha opinião, as mulheres têm essa particularidade – é mais fácil nos reunirmos do que para os homens, mesmo que cada uma de nós tenha suas próprias ideias políticas. Você se encontra com trabalhadoras municipais, com jovens de escolas... e respira alegria. Esses encontros também são pluralistas, tanto que agora querem mudar seu nome para “encontros plurinacionais”, para incluir os nossos povos indígenas.

O Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) estima que, a cada ano, mais de 50 mil mulheres em todo o mundo são vítimas de feminicídio. Como podemos enfrentar esse problema?

Eu tenho uma teoria – que provavelmente nunca poderei explorar em profundidade –, a de que o feminicídio diminuirá à medida que a educação sexual abrangente avance. A prova é que, em todos os países onde essa educação é oferecida de forma séria desde a mais tenra idade, as taxas de homicídio por violência de gênero são mais baixas. Contudo, em muitos países, vamos demorar anos para chegar lá.

Por que a Argentina, que legalizou o casamento entre pessoas do mesmo sexo e permite a livre escolha da identidade sexual, permanece contrária a uma lei para o aborto?

É verdade que, nos últimos anos, a Argentina adotou essas e várias outras leis que concederam muitos direitos às mulheres – uma abrangente lei de proteção, o Protocolo Facultativo à Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres [OP-CEDAW]², as aposentadorias para donas de casa etc. Minha teoria é que o casamento igualitário significa, em última instância, permitir que um grupo de pessoas entre em uma instituição que é um modelo, para que elas estejam sob controle social. Mas o aborto, por outro lado, está fora do modelo desejado – é

2. O Protocolo Facultativo à Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres, ratificado pela Argentina em 2007, permite que indivíduos e associações registrem queixas relativas a violações à Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres (Convention to the Committee on the Elimination of Discrimination against Women – CEDAW), no caso de não terem obtido proteção judicial ou administrativa imediata e efetiva em seus países, bem como ao Comitê, para que este abra um procedimento de investigação *ex-officio* para quaisquer violações sérias ou sistemáticas à Convenção.

completamente perturbador. Ele também é, sem dúvida, um dos mais resistentes bastiões do patriarcado.

A senhora foi uma das autoras do projeto de lei sobre a descriminalização do aborto, aprovado pelo Congresso da Argentina em junho de 2018 mas, dois meses depois, não conseguiu obter a aprovação do Senado. O que prevê esse projeto de lei?

O slogan de nossa campanha é: “Educação sexual para decidir, contraceptivos para não abortar, aborto legal para não morrer”. Esses três princípios demonstram que existem soluções. E a nossa proposta defende a descriminalização do aborto, mas também sua legalização. A lei que criminaliza o aborto é discriminatória, porque as mulheres que morrem – meninas grávidas que são forçadas a serem mães – são as meninas e mulheres que pertencem às parcelas mais excluídas e vulneráveis da população. Se o aborto não for legalizado, mas simplesmente descriminalizado, essas parcelas não terão o direito a serviços de saúde decentes e seguros. Entre 2007 e 2018, na Argentina, ocorreram sete tentativas de apresentar um projeto de lei sobre o direito ao aborto e, em breve, faremos uma oitava proposta. Enquanto isso, a campanha, que reúne mais de 500 organizações, persiste e continua a trabalhar na questão, que consideramos essencial, de que o direito ao aborto seja vivenciado e transmitido como um direito humano fundamental.

Como tem sido a reação a esse projeto de lei?

Quando, em 2018, o debate foi finalmente aberto no Parlamento, ocorreu um fenômeno único, uma mobilização incrível. Conseguimos que entre 1,5 milhão e 2 milhões de garotas e mulheres marchassem nas ruas para nos apoiar, fomos convidadas a falar em escolas secundárias, onde os meninos me perguntaram educadamente se eu havia feito um aborto. Ocorreram debates sem gritaria. Nós acordamos e nos comunicamos – e isto é o mais emocionante – uma mensagem que foi muito além do aborto. Foi uma mensagem de liberdade, de autonomia. Foi emocionante ver essas meninas, jovens, homens, usando o lenço verde, que é o símbolo dos apoiadores da lei. E foi assim que alcançamos algo que nunca havíamos sonhado – um acordo entre as mulheres representantes de partidos políticos opostos que, juntas, conseguiram obter a aprovação da lei – o que chamamos de “meia sanção” na Argentina – na Câmara dos Deputados. Foi algo maravilhoso, inesperado.

Mas a lei ainda não foi aprovada...

A lei foi rejeitada pelo Senado, mas nos faltaram apenas 7 votos (38 contra e 31 a favor), e isso foi um triunfo enorme. Nós não perdemos. Não conseguimos a aprovação da lei, mas os tempos estão mudando. O aborto foi retirado da zona escura, para fora da zona criminal na imaginação da sociedade, deixou de ser demonizado. E agora nós falamos sobre direitos sexuais e reprodutivos – os jovens conversam sobre isso. Isso é o quanto avançamos. Também abrimos uma brecha, porque estamos alcançando uma mudança na consciência social. Conquistamos os adolescentes e os jovens, que consideram o aborto um direito humano. E outros setores importantes, porque também surgiram redes de profissionais, médicos, enfermeiros, advogados – uma verdadeira onda verde.

Depois de tantas décadas de trabalho e ativismo, como a senhora vê o feminismo no âmbito mundial?

Não há dúvida de que os movimentos populares conseguiram fazer avançar o movimento feminista. Mas esse progresso também provocou uma reação, que é um tanto escondida, mas que funciona de maneira permanente nas Nações Unidas e em outros fóruns internacionais. Um relatório recente do Observatório sobre a Universalidade dos Direitos, chamado *Rights at Risk*, demonstra de forma muito clara como os apoiadores mais extremos de várias religiões estão unindo forças com os setores mais conservadores para tentar voltar, em questões de gênero, para antes da Conferência de Pequim (1995). A expressão “ideologia de gênero” foi criada lá, por exemplo. É um

movimento que está avançando todos os dias, e que, a propósito, acusa o UNICEF, ou vocês da UNESCO, de promover essa suposta ideologia. Devemos permanecer alertas.



Nascida em 1929 em San Miguel de Tucumán, no noroeste da Argentina, **Nelly Minyersky** é uma das mais proeminentes ativistas dos direitos das mulheres em seu país. Em 2010, ela foi nomeada cidadã ilustre da cidade de Buenos Aires e, desde 2017, preside o Parlamento das Mulheres. Foi a primeira mulher a presidir a *Asociación de Abogados de Buenos Aires* (Ordem dos Advogados de Buenos Aires) e o *Tribunal de Disciplina del Colegio Público de Abogados de la Capital Federal* (Tribunal Disciplinar da Ordem dos Advogados de Buenos Aires).

“ Eu me interessei pelo feminismo como parte dos direitos humanos em geral, pois vivi sob várias ditaduras. ”



Você não está sozinha, desenho da artista argentina Lucia Seisas, parte da campanha Linea Peluda pela legalização do aborto.

© Lucia Seisas



Assuntos atuais

Todos os anos, durante três dias em junho, os habitantes do distrito de Quehue participam de um ritual secular: a restauração da ponte de corda Q'eswachaka, que atravessa o Rio Apurímac.

© Jordi Busqué



Uma ponte suspensa

Inca é restaurada no Peru

Jordi Busqué, fotojornalista, estabelecido na América do Sul

Todos os anos, na primeira semana de junho, os habitantes do distrito de Quehue, no Peru, se reúnem para restaurar a ponte suspensa de corda que liga as duas margens do Rio Apurímac. Essa tradição centenária andina está inscrita na Lista Representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade desde 2013.

Este artigo é publicado por ocasião da 14ª sessão do Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, realizada de 9 a 14 de dezembro de 2019 em Bogotá, na Colômbia.

Leva cerca de quatro horas de condução cautelosa por estradas sinuosas para se chegar a Quehue a partir de Cusco. Na primeira semana de junho de 2019, quando termina a estação chuvosa, esse vilarejo, localizado no sul dos Andes peruanos, está prestes a vivenciar um momento muito especial. Como é habitual nessa época do ano, os habitantes participam de um ritual secular que dura três dias: a restauração da ponte suspensa de corda Q'eswachaka.

Essa ponte está construída sobre o Desfiladeiro Quehue do Rio Apurímac (que significa "oráculo do deus da montanha", em quéchua). Ela conecta as comunidades Huinchiri, Chaupibanda e Chocayhua, localizadas na margem esquerda, à comunidade Qollana Quehue, na margem direita. É a última ponte feita de fibras vegetais que ainda resta no Peru. Um símbolo da ligação entre os habitantes e a natureza, suas tradições e sua história, a ponte Q'eswachaka é considerada sagrada.

Alguns dias antes do início dos rituais, os habitantes cortam a q'oya, uma grama resistente que cresce nas terras altas e úmidas dos Andes. Ela é então retorcida e estendida para formar a q'eswa, uma corda longa. Os camponeses aprendem a tecer as fibras ainda na juventude. Sentada em uma calçada do vilarejo, uma mulher tece uma dessas cordas com incrível destreza.



Poucos dias antes do início do trabalho, os habitantes cortam a q'oya, uma grama especial que cresce nas terras altas andinas, e a torcem para formar cordas longas. Eles aprendem a tecer essas cordas ainda na juventude.

Outra mulher bate a grama com uma pedra redonda e, depois, a encharca na água do rio para torná-la mais flexível. Tudo deve estar pronto para o dia seguinte, quando começa a reconstrução da ponte.

Uma notável rede de estradas

A construção, que usa uma técnica de mais de 600 anos, é testemunha de uma das mais incríveis realizações da civilização Inca. Esse povo construiu uma rede de estradas – a *Qhapaq Ñan* – para ligar seus vastos territórios. Isso somente poderia ser alcançado desafiando a geografia acidentada do Peru, cortada por desfiladeiros

profundos e cânions criados pelos rios. Como o país apresenta uma atividade sísmica relativamente alta, a flexibilidade proporcionada pelas pontes suspensas de corda constituiu uma vantagem. A desvantagem é que essas pontes eram menos resistentes ao mau tempo do que as pontes de pedra. Em um clima no qual chove quase todos os dias durante vários meses, as cordas eventualmente se deterioram, e as pontes precisam ser reconstruídas de forma periódica. Embora a ponte não seja mais a única estrada que liga as duas margens do Apurímac, a tradição continua ano após ano.

Durante o primeiro dia da reconstrução, os homens se reúnem em torno da velha ponte e tecem as cordas menores – tecidas pelas mulheres – em outras maiores. O chefe de cada família traz uma q'eswa, com cerca de 70 metros de comprimento. As estradas que levam à ponte ficam cheias de motocicletas carregadas com cordas.

© Jordi Busqué



No terceiro dia do ritual, homens postados nos dois lados da ponte prendem os últimos cordões que formam o corrimão da ponte.

Um mestre de cerimônias tradicional, chamado *paqo*, apresenta oferendas aos *apus*, os espíritos da montanha que se acredita protegerem os habitantes locais. Um pequeno altar é colocado perto da ponte, sobre o qual são colocados fetos de lhama, espigas de milho e outros objetos rituais. Os anciãos, atuando como sacerdotes tradicionais, oferecem álcool aos homens que participam da reconstrução. Uma ovelha foi sacrificada para os *apus*, e seu coração é queimado em uma pequena fogueira mantida aos pés da ponte. Os sacerdotes querem garantir que os trabalhadores sejam protegidos pelos deuses e que nenhum acidente ocorra durante a reconstrução.

As cordas são instaladas no segundo dia, assim que a velha ponte tenha sido separada e caído no rio, onde flutua e é levada pela correnteza. Ela simplesmente se decompõe, uma vez que é feita apenas de grama. A tradição determina que apenas os homens podem trabalhar

na reconstrução em si. As mulheres permanecem na parte superior do desfiladeiro, tecendo as cordas menores. O principal suporte da ponte vem de seis cordas grandes de três camadas, cada uma com cerca de 30 centímetros de espessura, composta por cerca de 120 cordas mais finas. Quatro das grandes cordas formarão o piso da ponte, enquanto as outras duas servirão como corrimões. Todas as seis cordas são firmemente presas a grandes âncoras feitas de pedra esculpida, em ambos os lados do cânion.

Tradição pré-colombiana de trabalho comunitário

Dar a essas pesadas cordas a tensão necessária, apenas com tração humana, é a tarefa que ocupa a maior parte do segundo dia. A tração é feita em ritmo, segundo as instruções dos principais arquitetos. As várias etapas da construção são supervisionadas pelos anciãos

e por dois *chakaruwaq*, artesãos especializados cujas técnicas de tecelagem são passadas de geração a geração. Essa reconstrução baseia-se na *mink'a*, uma tradição pré-colombiana de serviço comunitário, que consiste em agricultores andinos que realizam um trabalho importante, cujos benefícios são compartilhados por toda a comunidade.

No terceiro dia, alguns homens que não têm medo de altura caminham pela extensão da estrutura, amarrando pequenas cordas do corrimão até o piso da ponte. Isso possibilita que todos cruzem a ponte com segurança. Dois grupos começam em ambos os lados da ponte, até se encontrarem no centro. Quando a última corda está no lugar e a ponte finalmente está pronta, os trabalhadores levantam os braços, fazendo a multidão aplaudir alto.

Os trabalhadores são os primeiros a usar a nova ponte, mas todos ficam ansiosos para segui-los. Por razões de segurança, não mais do que quatro pessoas são permitidas a atravessar a estrutura ao



“ Um símbolo da ligação entre os habitantes e a natureza, suas tradições e sua história, a ponte Q'eswachaka é considerada sagrada. ”



mesmo tempo. A multidão é grande, e leva muito tempo até que todos tenham atravessado o desfiladeiro. Nenhum material, ferramenta ou máquina moderna é usado durante todo o processo de reconstrução da ponte – apenas cordas de grama e a força humana.

O ritual anual de reconstrução termina com festividades, das quais todos os habitantes participam. Um palco é montado, e um grupo musical toca canções tradicionais da região. Crianças em idade escolar de vilarejos vizinhos participam de uma competição de dança. Em alguns anos, esses meninos e meninas assumirão o trabalho de reconstrução da ponte suspensa de Q'eswachaka.



Não se permite que mais de quatro pessoas estejam na estrutura simultaneamente.

© Jordi Busqué

Dos porões do

Clotilda até Africatown

Sylviane A. Diouf

Em maio de 2019, a notícia de que arqueólogos haviam descoberto os destroços do *Clotilda* – o último navio negreiro registrado a chegar nos Estados Unidos, 52 anos após a proibição do comércio internacional de escravos – foi manchete em todo o mundo. No entanto, toda a atenção se concentrou no dono do navio, em seu capitão e no próprio navio, não nas vítimas dessa terrível jornada.

Tudo começou em 1859, em Mobile, no Alabama, quando o latifundiário e capitão de navio Timothy Meaher apostou que conseguiria trazer “um navio cheio de negros” bem debaixo do nariz das autoridades. Na época, o comércio de escravos para os Estados Unidos – legalmente proibido desde 1º de janeiro de 1808 – somente podia ser conduzido de forma ilícita, com os infratores arriscando a pena de morte. Mesmo assim, o tráfico continuou inabalável, e as demandas para que o comércio de escravos fosse reaberto haviam aumentado desde a década de 1840.

Necessitando de trabalhadores para suas plantações de algodão e açúcar em expansão, os senhores de escravos do Sul Profundo (*Deep South*) tiveram que comprar mão de obra escrava do Sul Superior (*Upper South*) a preços que consideravam exorbitantes. Um homem vendido na Virgínia chegava a valer US\$ 50.000, enquanto um africano contrabandeado poderia ser comprado por US\$ 14.000. Meaher recrutou e financiou William Foster, o construtor e proprietário do *Clotilda*. Como capitão improvisado do navio negreiro, Foster chegou a Ouidah, no Reino do Daomé (atual Benim), em 15 de maio de 1860.

A terrível provação das 110 crianças e jovens adultos – metade homens, metade mulheres – que se tornaram prisioneiros do *Clotilda* havia começado algumas semanas antes. Depois de um ataque mortal do exército Daomé à uma pequena cidade, um grupo de sobreviventes foi levado para Ouidah. Entre eles estava

Oluale Kossola, de 19 anos, que mais tarde foi renomeado Cudjoe Kazoola Lewis. Outros, incluindo um grupo de comerciantes, foram sequestrados.

Os prisioneiros vinham de várias áreas do Benim e da Nigéria, incluindo Atakora, Banté, Bornu e Daomé. Pertenciam aos grupos étnicos Iorubá, Ishan, Nupe, Dendi, Fon, Hauçá e Shamba. Entre eles havia muçulmanos e iniciados da sociedade Oro, ou de conventos de orixás. Todos haviam sido brutalmente arrancados de suas famílias e comunidades e mantidos em um barracão, após Foster tê-los selecionado entre centenas de prisioneiros.

Quando puseram os pés no *Clotilda*, Ar-Zuma, Oroh, Adissa, Kupollee, Oluale, Abache, Omolabi, Sakaru, Jabar e seus companheiros foram despojados de suas roupas, como era costume nos navios negreiros. A humilhação e o sofrimento que sofreram foi tal que, mesmo 50 anos depois, eles não conseguiam falar a respeito – exceto para dizer que tinham muita sede e que duas pessoas haviam morrido.

Escondidos no pântano

No dia 8 de julho de 1860, após 45 dias no mar, os prisioneiros chegaram em Mobile, na calada da noite. Para apagar quaisquer vestígios da chegada, o *Clotilda* foi incendiado. Mesmo assim, notícias da chegada “secreta” se espalharam de costa a costa. O governo federal foi forçado a intervir, e uma equipe foi enviada para procurar os jovens africanos.



© Equal Justice Initiative / Human Pictures

Detalhe de uma escultura do artista ganês Kwame Akoto-Bamfo. Dedicada à memória do tráfico transatlântico de escravos, ela está em exibição no Memorial Nacional da Paz e da Justiça, em Montgomery, no Alabama.

“ Os companheiros do navio nunca perderam seu profundo senso de pertencimento a uma terra e a um povo distantes. ”



Eles estavam escondidos em um pântano, completamente nus por vários dias, até que alguns trapos e peles lhes foram entregues quando foram descobertos. Uma venda foi discretamente organizada, e o grupo passou por mais uma dolorosa separação. À medida que alguns deles partiam para lugares distantes, todos cantavam uma canção de despedida, desejando uma jornada segura uns aos outros. Cerca de 76 pessoas foram divididas entre Meaheer e seus dois irmãos, e Foster.

Os processos contra os donos de escravos acabaram sendo retirados, e os “companheiros de navio” – como os

africanos que viajavam no mesmo navio negreiro geralmente chamavam uns aos outros – foram colocados para trabalhar, abertamente, em navios a vapor, nos campos e como empregados domésticos. Eles eram uma comunidade fortemente unida, e relata-se que nunca aceitaram a brutalidade – enfrentavam a autoridade e não temiam as consequências. Um afro-americano escravizado na mesma *plantation* de alguns dos recém-chegados contou que, certa vez, quando um feitor tentou chicotear uma das mulheres, todos pularam em cima dele e o espancaram. Quando uma cozinheira deu um tapa

em uma jovem garota, ela gritou. Seus companheiros correram em seu socorro, ferramentas em punho, e bateram na porta do quarto da sra. Meaheer, onde a cozinheira havia se escondido. Frequentemente ridicularizados por seus companheiros escravizados nascidos nos Estados Unidos, os passageiros do *Clotilda* eram reservados, e continuaram a seguir sua cultura original – incluindo seus ritos funerários.

Em abril de 1865, no final da Guerra Civil, os companheiros de navio estavam finalmente livres. Contudo, esse não era o tipo de liberdade que desejavam. Eles queriam voltar para casa. Como disse um deles, Ossa Keeby: “Eu volto para a África todas as noites em meus sonhos”. Os homens conseguiram trabalho nas serrarias e nos moinhos de pólvora. As mulheres, que eram autônomas, ganhavam a vida com a jardinagem e vendendo seus produtos e as cestas que os homens teciam à noite. Eles guardavam dinheiro com o objetivo de custear sua viagem de volta. Quando perceberam que nunca conseguiriam o suficiente, enviaram Cudjoe Lewis para pedir terras a Meaheer. Eles argumentaram que tinham famílias, casas e terras antes que ele os trouxesse à força para Mobile e os obrigasse a trabalhar duro em troca de nada por cinco anos. Meaheer lhes recusou o pedido.

Africatown

Redobrando seus esforços, os companheiros de navio acumularam dinheiro suficiente para comprar lotes da família Meaheer e de outros proprietários locais. Até 1870, eles haviam estabelecido uma pequena vila no Alabama que, orgulhosamente, chamaram de *African Town* (Cidade Africana) – e que, mais tarde, foi renomeada *Africatown*.

Essa era uma forma clara de demonstrar quem eles eram, quem queriam continuar sendo e onde queriam estar. Para administrar seu assentamento, eles elegeram um chefe chamado Gumpa, que era um nobre do Daomé, e dois juizes. Construíram a primeira igreja e a primeira escola do local, e alguns deles aprenderam a ler e escrever. Também mantiveram contato com os companheiros de navio, alguns dos quais viviam a vários condados de distância.



Cudjoe Lewis (1841-1935) foi um dos fundadores de Africatown, uma vila criada em 1870 pelas pessoas que foram trazidas ao Alabama no Clotilda.

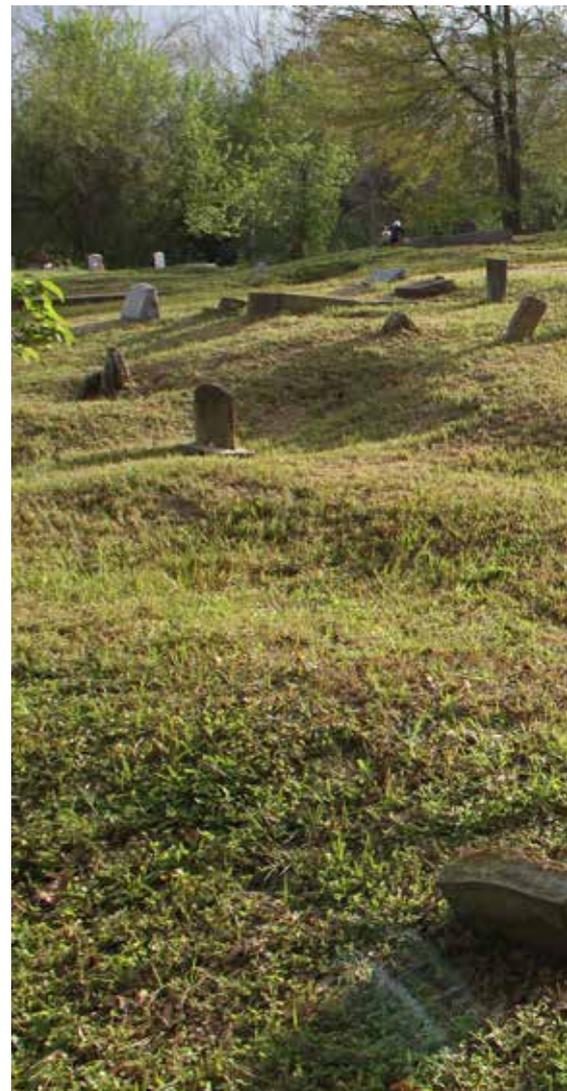
À medida que se casavam entre si – e às vezes com pessoas de fora do grupo –, uma segunda geração nasceu. Eles receberam um nome norte-americano e um nome africano. Essas crianças aprenderam sobre suas origens – alguns eram fluentes nas línguas de seus pais e chegaram até a atuar como tradutores. Os companheiros de navio falavam carinhosamente de suas cidades natais – que se tornaram um paraíso, um refúgio, para as crianças, onde podiam ir em seus sonhos quando o racismo branco e o escárnio negro se tornavam difíceis de suportar.

Tendo se levantado enquanto foram escravizados, o povo de Africatown continuou a lutar por seus direitos. Quando os homens decidiram votar nas eleições de 1874, um enfurecido Meaher bloqueou seu caminho. Destemidos, os homens caminharam de local de votação em local de votação, e finalmente conseguiram depositar seus votos. Kohenco, que

administrava uma fazenda leiteira com seu marido norte-americano, tornou-se membro do primeiro movimento de reparações, que requeria pensões para as pessoas libertadas. Em 1902, Lewis foi ferido por um trem e processou uma das maiores empresas do Sul. Contra todas as probabilidades, um júri branco concedeu a ele US\$ 13.000, mas a decisão foi anulada pela Suprema Corte do Alabama. Gumpa também processou, após ser ferido por um trem. Ele morreu antes que o caso fosse ao tribunal, mas a queixa foi posteriormente resolvida, com uma pequena quantia de dinheiro paga a seus netos.

Quando os companheiros de navio foram entrevistados, a partir da década de 1890, eles sistematicamente se recusaram a menosprezar suas antigas religiões ou a criticar a poligamia. Também se recusaram a condenar aqueles que os fizeram prisioneiros, atribuindo seu destino à “má sorte”. Paciente, e às vezes exasperadamente, eles explicaram e defenderam suas culturas. Questionados sobre se preferiam Mobile ou seus antigos lares, energicamente escolheram os últimos.

“Fizeram todo o possível para garantir que suas histórias fossem registradas, compartilhadas e lembradas.”



Os últimos sobreviventes do *Clotilda*

Quando Emma Langdon Roche, uma professora, disse aos últimos sobreviventes, agora na faixa dos 70 anos, que queria escrever sobre suas vidas, eles pediram que fossem chamados por seus nomes originais – para que, se a história chegasse até seus lares, seus parentes saberiam que ainda estavam vivos. O livro, com suas fotos tiradas 44 anos após seu desenraizamento brutal, foi publicado em 1914. A autora, Zora Neale Hurston, também entrevistou Lewis por um bom tempo, e o filmou em 1928. Cudjoe Lewis, que perdeu sua esposa, Abile, e seus seis filhos logo depois, era o último sobrevivente de Africatown. Ele faleceu em 1935, com 94 anos de idade, e foi o penúltimo sobrevivente conhecido do tráfico de escravos no Atlântico. Dois anos depois, Redoshi, uma mulher capturada no mesmo ataque, faleceu no Condado de Dallas, no Alabama. Ela também havia sido fotografada, entrevistada e filmada.

Os companheiros do navio *Clotilda* viveram no Alabama, o quanto puderam, em seus próprios termos. Porém, apesar do seu deliberado isolamento, estiveram envolvidos em uma série de eventos que marcaram o seu tempo. Ainda assim, nunca perderam seu profundo senso de pertencimento a uma terra e a um povo distantes. Atualmente, a Africatown que criaram como alternativa ainda é o lar de alguns de seus descendentes. No entanto, essa comunidade outrora vibrante caiu em tempo difíceis. Fábricas de papel poluentes, ruas bloqueadas por muros de fábricas, estradas cortando os bairros – o racismo ambiental devastou o local. Apenas a Igreja Batista Missionária da União e o cemitério onde seus antepassados estão enterrados são lembranças tangíveis da primeira geração. Os moradores esperam que a descoberta

O cemitério das pessoas escravizadas que chegaram no Clotilda e de seus descendentes, em Africatown. O abandono é aparente, com alguns túmulos desaparecendo no solo.

do *Clotilda* incentive o turismo e resulte em um muito necessário renascimento de Africatown e de sua fascinante história.

Os destroços do *Clotilda*, e o que quer que eles revelem, são apenas um símbolo vergonhoso da base do desenvolvimento econômico dos Estados Unidos. Mais importante é a história da experiência dos jovens que perderam tudo, mas transcenderam suas terríveis circunstâncias. Através das provações da travessia transatlântica dos navios negreiros da África para a América do Norte, a escravidão, a Guerra Civil, Jim Crow [as leis estaduais e locais que impuseram a segregação racial nos estados do Sul dos Estados Unidos], e por parte da Grande Depressão de 1929, eles mantiveram sua dignidade, sua confiança em si mesmos e em suas habilidades, sua unidade, seu senso de família e o orgulho de sua cultura. Além disso, fizeram todo o possível para garantir que suas histórias fossem registradas, compartilhadas e lembradas. A história deles é uma história terrível de perda e calamidade, mas também de triunfo sobre as adversidades – uma história de heróis desconhecidos.



Historiadora da diáspora africana, **Sylviane A. Diouf** é a autora de *Dreams of Africa in Alabama: The Slave Ship Clotilda and the Story of the Last Africans Brought to America* e de vários outros livros. Ela é professora visitante no Centro para o Estudo da Escravidão e Justiça, na Universidade Brown, em Providence, nos Estados Unidos.

“Uma história terrível de perda e calamidade, mas também de triunfo sobre as adversidades.”



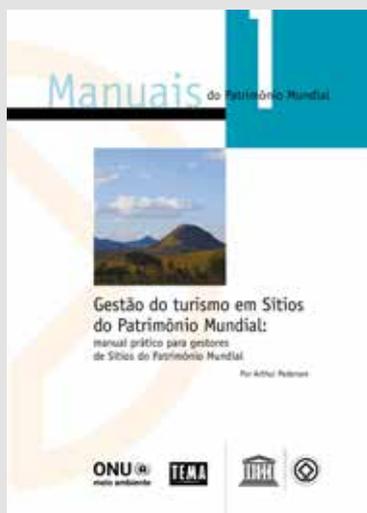
© Maarten Vanden Eynde



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

Edições UNESCO

www.unesco.org/publishing
publishing.promotion@unesco.org



Gestão do turismo em sítios do patrimônio mundial:

manual prático para gestores de sítios do patrimônio mundial

O turismo é uma questão muito importante na gestão de sítios naturais e culturais do Patrimônio Mundial. É uma indústria com custos bem conhecidos, mas também com o potencial para ajudar os esforços de proteção. Reconhecendo este potencial e por meio do engajamento e da aplicação de medidas adequadas nos diferentes níveis do processo do turismo sustentável, é possível que ele gere ganhos para o sítio. Este manual tem o objetivo de orientar os gestores de sítios, os governos e os visitantes a respeito das práticas de turismo sustentável, pois essa é a única maneira de garantir a segurança do patrimônio natural e cultural do nosso mundo.

Título original: *Managing tourism at world heritage sites: a practical manual for world heritage site managers.*

Brasília: UNESCO/IPHAN, 2019. 114 p. ill.



Manual para garantir inclusão e equidade na educação

O manual contextualiza e define os conceitos de inclusão e equidade, e oferece um marco de ação de avaliação que possibilita que todas as partes envolvidas do país revisem e avaliem o nível de equidade e inclusão das políticas existentes, decidam as ações necessárias para aprimorar políticas e sua implementação, e monitorem seu progresso à medida que as ações são realizadas. O manual se baseia em evidências internacionais e experiências programáticas, e fornece exemplos de todo o mundo de boas práticas das iniciativas para se criar sistemas de educação inclusiva e equitativa.

Título original: *Guide for ensuring inclusion and equity in education.* Publicado em 2017 pela UNESCO.

Brasília: UNESCO, 2019. 50 p. il.
ISBN: 978-85-7652-245-4



A ciência que precisamos para o oceano que queremos

Década das Nações Unidas da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável (2021-2030)

Material informativo para a divulgação da nova Década da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável seria (2021-2030). Essa Década construirá uma estrutura comum para garantir que a ciência oceânica possa apoiar plenamente os países na implementação da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

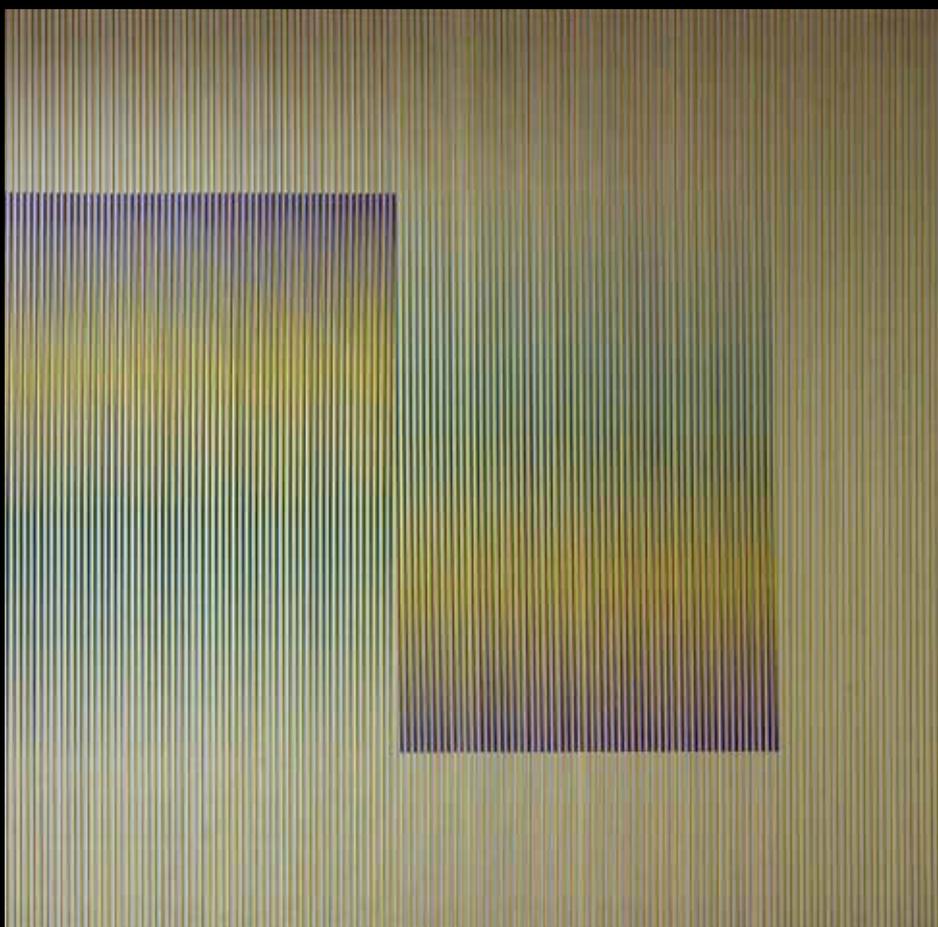
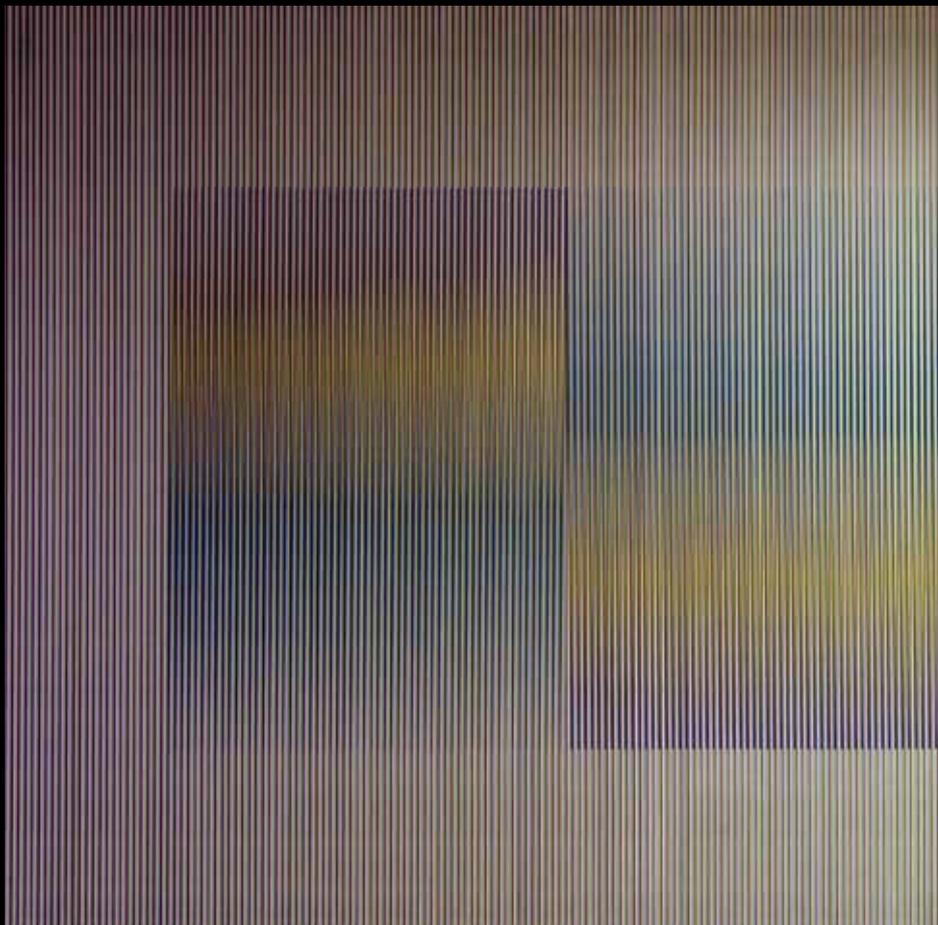
Título original: *The Science we need for the ocean we want: the United Nations Decade of Ocean Science for Sustainable Development (2021-2030).* Publicado em 2019 pela UNESCO.

Brasília: UNESCO, 2019. 24 p. il.

Muitas vozes, um mundo!

O *Correio da UNESCO* é publicado nas seis línguas oficiais da Organização, e também em coreano, esperanto, português e siciliano. Leia e compartilhe a revista por todo o mundo.





Physichromie, obra do pintor e artista cinético venezuelano Carlos Cruz-Díez (1923-2019). Este díptico, feito de pintura acrílica e metal, faz parte da coleção de arte da UNESCO desde 1978. A parte esquerda da obra está no topo, e a parte direita é mostrada abaixo.